

# ILUSTRAÇÃO

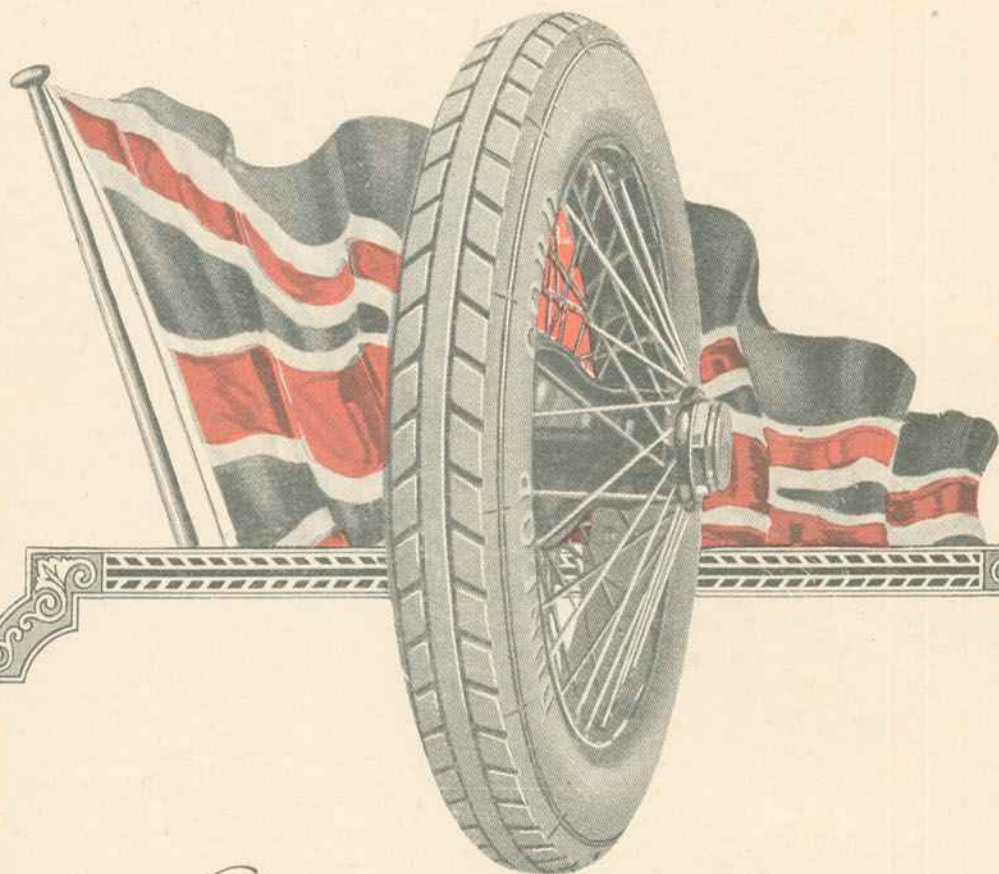


1.º ANO — Número 8

Lisboa, 16 de Abril de 1926

PREÇO 4\$00

A revista portuguesa de maior tiragem e expansão



## *O famoso pneu Dunlop Cord montado na roda d'arame Dunlop*

É com a kilometragem que se põe á prova um pneu, e é particularmente n'este ponto que o pneu DUNLOP mostra a sua supremacia sobre todos os outros pneus.

O DUNLOP CORD é um producto completo de manufactura ingleza, e actualmente obtem-se com este pneu o dobro da kilometragem que se conseguia antes da guerra.

## *calce Dunlop e ficará satisfeito*

À VENDA EM TODAS AS GARAGES DO PAÍS

DEPOSITARIOS GERAES

GUILHERME GRAHAM JUNIOR & C.<sup>A</sup>

Rua dos Fanqueiros, 7, 1.º

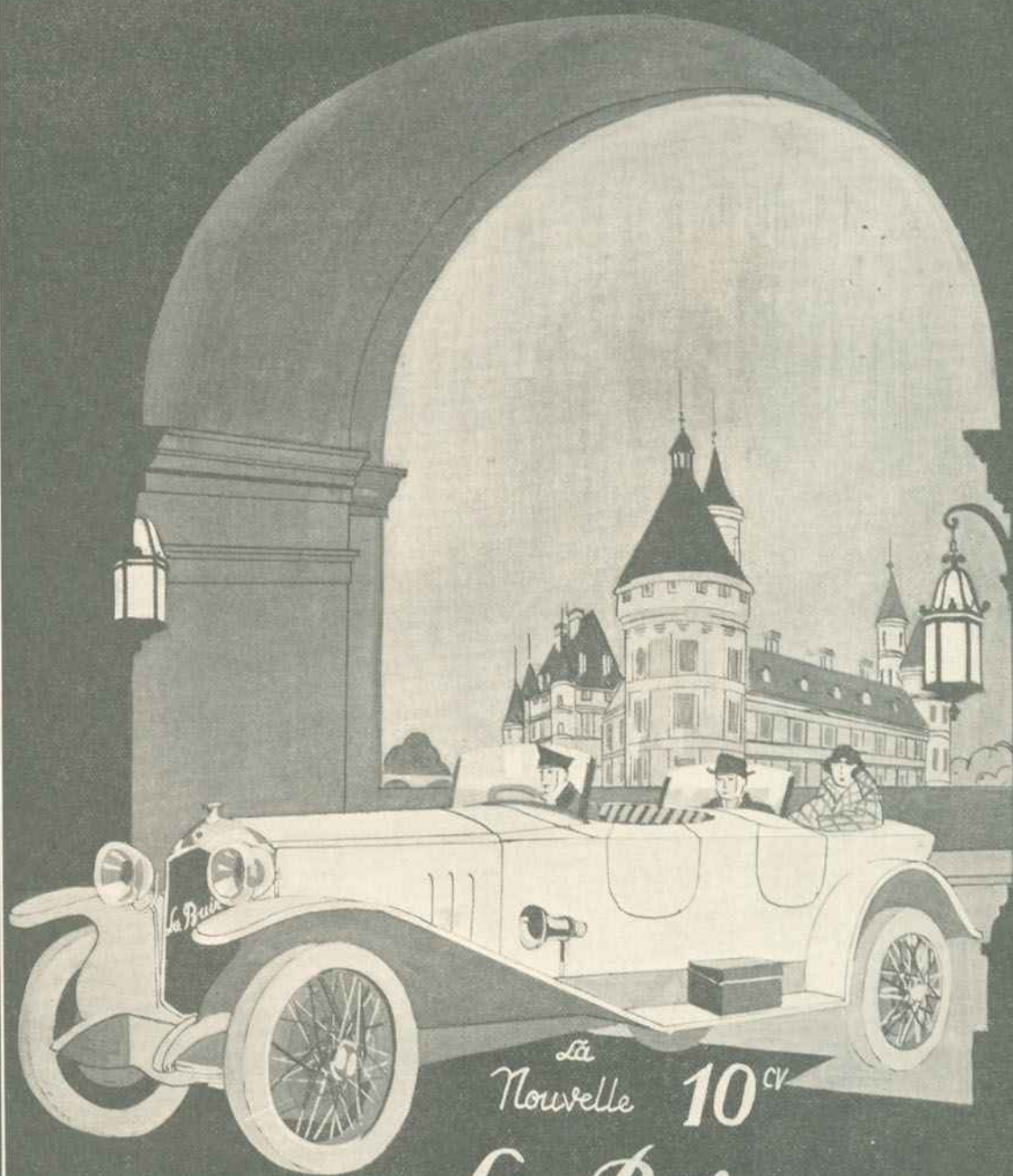
LISBOA

GUILHERME JOÃO GRAHAM & C.<sup>A</sup>

Rua dos Clerigos, 6

PORTO





La  
Nouvelle 10<sup>CV</sup>

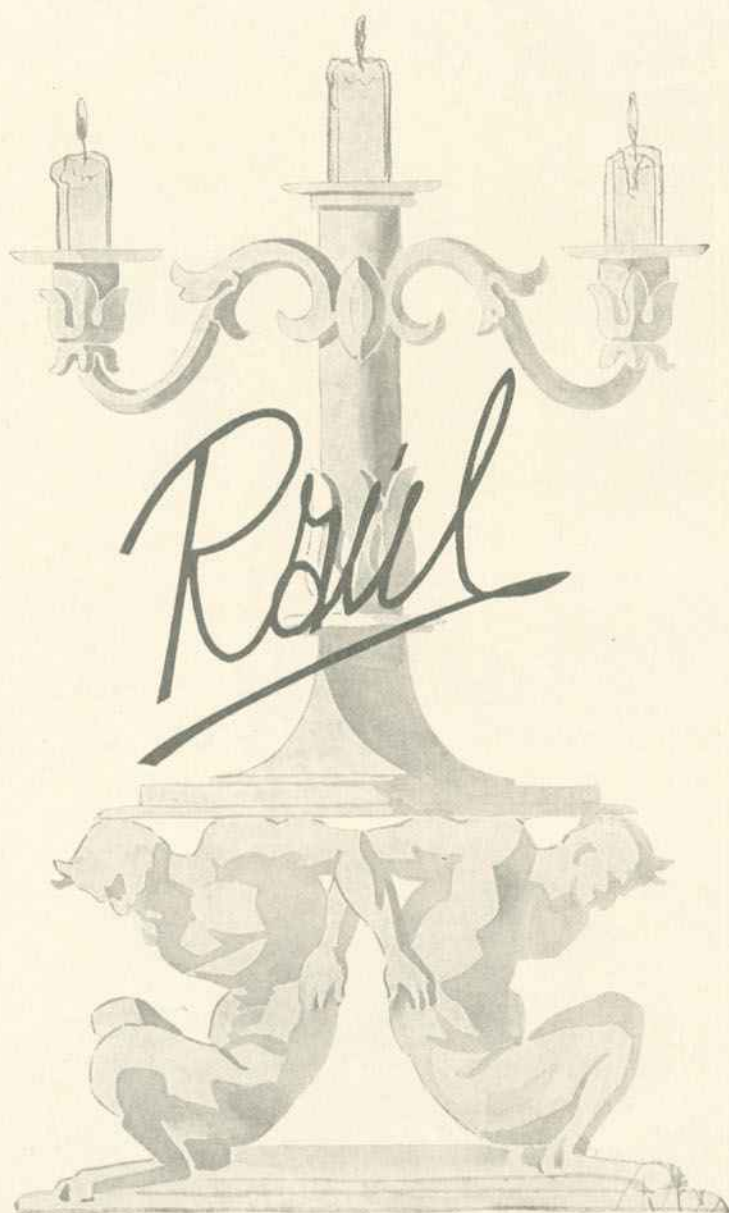
*La Buire*

*vous fera honneur et vous donnera satisfaction*

O 10 HP. LA BUIRE é possante e robusto, trepador incomparável, agradável a conduzir e duma apresentação impecável; ela realiza o tipo aperfeiçoado da carruagem moderna. — *Pedir catálogos que serão enviados.*  
 AGENTES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL E COLÓNIAS: *Almeida & C.<sup>a</sup> L.<sup>da</sup>* — Rua dos Clérigos, 80 — PORTO

# PRATAS E JOIAS

EXPOSIÇÃO PERMANENTE  
DAS ÚLTIMAS CRIAÇÕES DE

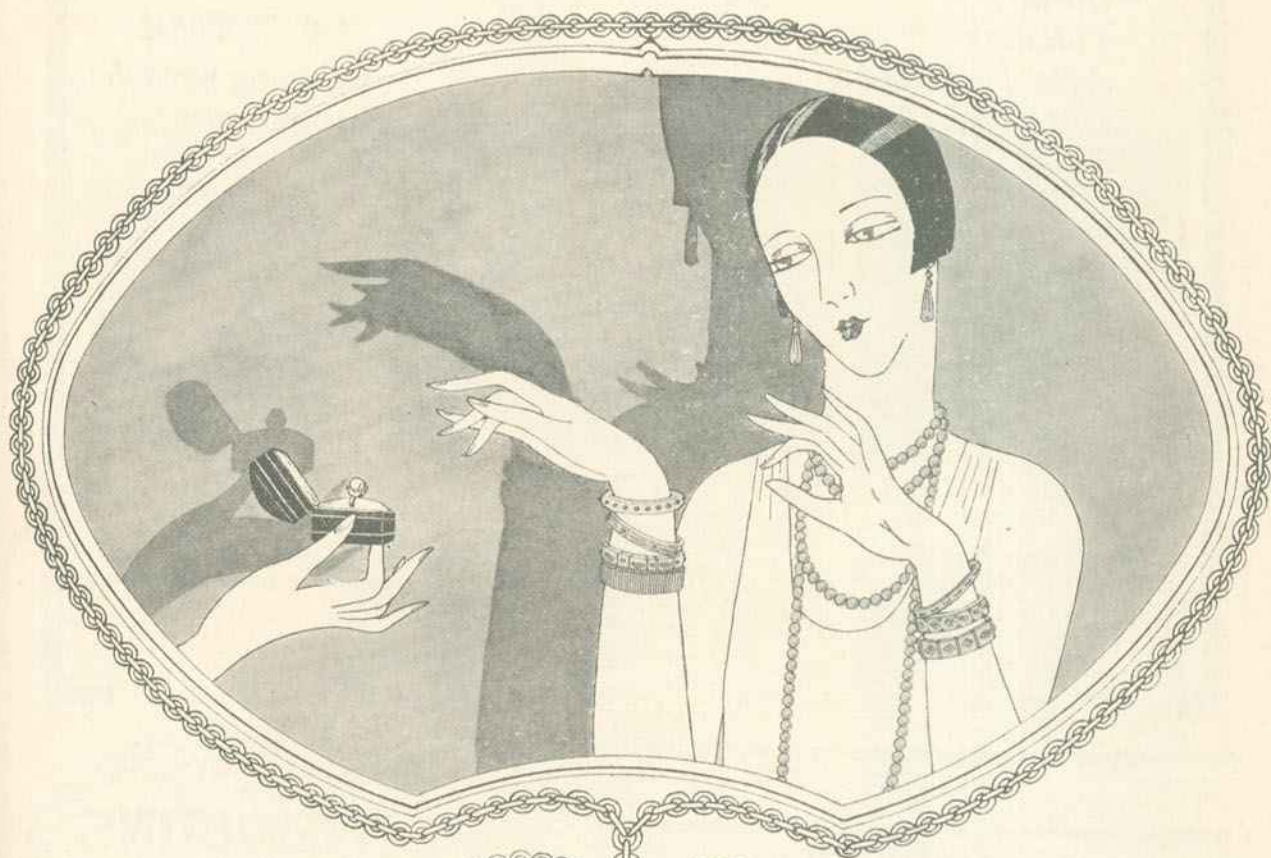


RAÚL PEREIRA  
RUA DA VITÓRIA, 42, 2.º  
LISBOA

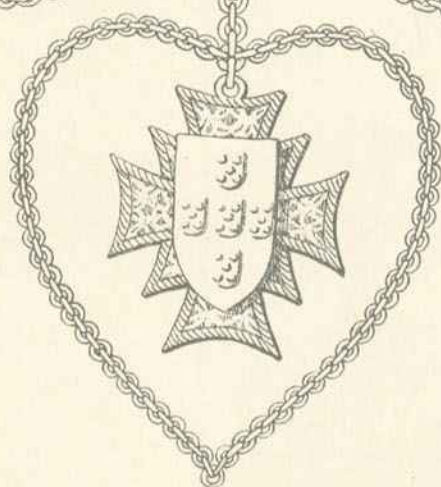


ILUSTRAÇÃO

# JOALHARIA DO CARMO



JOIAS  
E  
P R A T A S  
ARTISTICAS



PRESENTES  
PARA  
ANIVERSARIOS  
E  
CASAMENTOS

SEDE NO PORTO  
RUA 31 DE JANEIRO, 53

FILIAL EM LISBOA  
RUA DO CARMO, 87-B

TELE { GRAMAS: AUREARTE  
FONE: 1160

TELE { GRAMAS: AUREARTE  
FONE: N. 1360

# URODONAL

**Rheumatismos  
Gotta  
Calculos  
Arterio-Sclerose  
Obesidade  
Azias**

Cada mez ou depois de excessos de meza, os arthriticos devem fazer a cura de Urodonal, que resguarda positivamente contra os ataques de gotta, de rheumatismo ou de colicas nephriticas.

Tão logo como a urina torna-se avermelhada ou contem arêa, é mister recorrer sem tardar ao Urodonal.

**A MELHOR de TODAS  
as BEBIBAS**

Uma colher grande de URODONAL n'um litro de agua ordinaria ou mineral para tomar na meza só ou misturada com vinho, cidra, cerveja, etc.



**lava o sangue**

**O URODONAL**  
realiza uma verdadeira  
sangria urica  
(acido urico  
uratos y oxalatos).

**O URODONAL**  
limpa o rim, lava o  
figado e as articulações.  
Amacia as arterias e evita a  
obesidade.

ESTABELECIMENTOS CHATELAIN,  
2 bis, rue de Valenciennes, Paris.  
**VENDE-SE EM TODAS AS BOAS  
PHARMACIAS E DROGARIAS**

A. VINCENT, Lda - CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL e COLONIAS Rua IVENS, 56 - TEL. 1858. C.

**GRANDES ARMAZENS DE NOVIDADES  
AU  
PRINTEMPS  
DE PARIS**



Os Grandes Armazens  
au Printemps  
são os mais elegantes de Paris

PARA OS CATALOGOS E TODO GENERO D'INFORMAÇÕES  
DIRIGIR-SE AO S<sup>re</sup>

**A. VINCENT**

RUA IVENS N<sup>o</sup> 56. LISBOA.

OU AOS S<sup>res</sup> LAGUIONIE & C<sup>ie</sup>. AU PRINTEMPS. PARIS.



**UN JOUR VIENDRA**



Perfume  
Perturbante  
Penetrante

**ARYS** 3, rue de la Paix PARIS

**TEINDELYS**

Creme para  
o rosto

dá uma  
Cór de Lys



Mantem o  
pó e assegura  
uma excelente cor-  
nação

**ARYS** 3, rue de la Paix PARIS



COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIP. DA EMPRESA  
DO ANUÁRIO COMERCIAL

P. dos Restauradores, 24—Lisboa

# ILUSTRAÇÃO

Propriedade e Edição:

AILLAUD, L.<sup>DA</sup>

R. Anchieta, 25—Lisboa

DIRECTOR: JOÃO DA CUNHA DE EÇA

ANO 1.<sup>o</sup>—NÚMERO 8

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

16 DE ABRIL DE 1926



UM PEQUENITO, FILHO DUM COMBATENTE, DEPONDO FLORES NA PLACA DA AVENIDA DA LIBERDADE ONDE VAI SER ERGUIDO O MONUMENTO  
AOS MORTOS DA GRANDE GUERRA



## CRÓNICA DA QUINZENA

Está na berlinda a Sociedade das Nações; e, como é da praxe, pergunta-se porque é que ela está na berlinda. Como sempre, as respostas chovem de todos os lados, adrede confeccionadas, umas, para lisonjear a Sociedade das Nações, outras, o maior número, para a arrelhar. — Está na berlinda porque se destina a consolidar a paz e a evitar que se desatem novas guerras; porque solucionou com a equidade a questão da Alta-Silésia; porque evitou a guerra entre a Grécia e a Bulgária; porque se deixou ficar de braços cruzados, em 1921, quando da guerra entre a Grécia e a Turquia; porque no litígio entre a Bolívia e o Chile, este negou-se a reconhecer a competência da Sociedade das Nações; porque na questão de Viena, a Polónia declarou que «nunca daria o seu assentimento à solução adoptada pela Sociedade das Nações»; porque no conflito entre a Grécia e a Itália, curvou-se ante a arrogância desta, consentindo que aquela fosse humilhada... e por aqui fora.

Certo, se a Sociedade das Nações fosse a fazer o mesmo caso de tudo quanto ouve a respeito do seu proceder, achar-se-hia, a breve trecho, na situação do velho, o rapaz e o burro, na conhecida fábula de La Fontaine. Não sendo deste mundo a justiça absoluta, e, sendo impossível, na maioria dos casos, agradar a gregos e a troianos, só resta à Sociedade das Nações seguir a linha do menor dos males, orientando-se pelo interesse comum da manutenção da paz mundial. Como, porém, ela só pode viver, e actuar, pela boa vontade das nações que dela fazem parte, claro é que nada poderá fazer se estas puzerem empecilhos à sua acção, se cada uma colocar os seus mal-entendidos interesses particulares acima do interesse comum, e ao espírito de conciliação opuzer o espírito de intransigência. Mas, neste caso, não será cômico que as nações deem as culpas todas para cima da Sociedade das Nações, como se esta fosse uma coisa distinta delas?

Vejam, pois, o que são estas nações que dela fazem, ou pretendem, fazer parte. Em primeiro lugar, a Alemanha. Hoje, mais do que nunca, ela alimenta o seu vasto sonho pangermanista. Seria necessário não conhecer a alma alemã tal como se revela nos escritos de Clausewitz, Von der Goltz, Von Bernhardi, Treitschke, Tannenbergh, e no *Manual de guerra* do estado-maior alemão, para supor que a Alemanha, militarista e mística se afundou no tratado de Versaillles.

O dito do professor Eduardo Meyer, da Universidade de Berlim, está no espírito de todo o alemão: «É necessário que metamos na cabeça da mocidade que a guerra, que nos não deu o que esperávamos, será necessariamente seguida, um dia ou outro, de uma série de guerras, até que o povo alemão, este povo predestinado, atinja no mundo a situação a que tem direito.» Hoje como ontem, sempre a mesma ideia mística martelada durante cinquenta anos, pelas numerosas arengas do kaiser, pelo ensino das escolas, pelos livros dos universitários, pela imprensa periódica: a crença na missão cometida ao povo eleito de impor ao mundo inteiro a *kultur* germânica.

Em face da Alemanha, tomando-lhe o passo, o imperialismo da Inglaterra, acentuou-se depois da paz. Como disse lord Curzon na Câmara dos Comuns: «A Inglaterra nesta guerra ganhou tudo e mesmo mais do que fizera tenção.» Não falando senão dos ganhos teóricos, ela assegnoreou-se da frota e das colónias alemãs, estabeleceu o seu protectorado sobre o Egypto, a Mesopotâmia e a Pérsia, e tentou, por intermédio da Grécia, apoderar-se de Constantinopla.

A França, essa, presentemente, não pensa em imperialismos, mas a preocupação da segurança em face de uma Alemanha cujo ódio não desarma, e que não tardará em tornar-se agressivo, obriga-a a pensar a sério na sua defesa. Por sua vez, a Itália, não se contentando com o que lhe deu o tratado de paz, acentua de dia para dia, as suas tendências imperialistas.

Quanto à Rússia, cívica também de misticismismo, cre-se destinada a impor ao mundo as delicias do paraíso soviético. Mais militarista do que antes da guerra, já declarou, sob um pretexto fútil, que não tomara parte na próxima conferência do desarmamento.

Há ainda na Europa um factor permanente de perturbação — as nações bálticas — nutrido umas pelas outras um ódio feroz que a Turquia aticava, no tempo em que estavam sob o domínio turco, e que a Austria aproveitou, mais tarde, para os seus fins de dominação.

Saltando ao Extremo-Oriente, vemos o imperialismo americano opondo-se à expansão do Japão na Ásia e à penetração dos seus emigrantes nos Estados Unidos. Ora, para o Japão, esta expansão é uma necessidade vital, consequência do seu excesso de população. Ele aneou o Chantung que representa trinta milhões de habitantes, e procura estender a sua dominação à Sibéria oriental, às regiões do lago Baikal e Vladivostok, ricas em carvão e petróleo, às Filipinas. O choque é, pois inevitável.

Assim, a guerra que encheu a Europa de ruínas, trouxe este resultado paradoxal: a exacerbção dos imperialismos e a intensificação do militarismo. O facto tem uma explicação psicológica. Durante três anos viveu-se numa angústia pavorosa, e ninguém tem vontade de tornar a passar pelos mesmos tran-  
ses — por outro lado, tem-se a convicção íntima, embora inconfessada, de que não há que fiar em tratados, alianças, estipulações jurídicas de qualquer espécie, de que só uma coisa vale nos conflitos entre nações: o poder militar. Por isso, cada uma procura ser a mais forte, ou estar do lado da mais forte.

Se do aspecto político, grosseiramente traçado, passamos ao aspecto económico e ao aspecto religioso — muito para considerar no que respeita ao islamismo; — se abraçamos, depois, no seu conjunto, a situação presente dos diversos povos nas suas relações reciprocas, basta-nos-hão alguns momentos de reflexão para nos convenceremos de que no estado actual da mentalidade humana, diante de tantos motivos de conflito, tanto espírito de dominação, tantas invejas e tantos odios, nenhum organismo internacional desprovido de força armada pode assegurar uma paz definitiva. Laboram, pois, no mesmo erro de visão os que esperam da Sociedade das Nações a cessação das guerras, e os que a apostrofam porque ela o não consegue.

Através da história inteira, as épocas em que os povos puderam fruir uma paz um pouco duradoura foram aquelas em que, após guerras incessantes de clans, de vilas, de cidades, de principados, de reinos, um clan mais forte submeteu outros clans, uma vila outras vilas, uma cidade outras cidades, um principado outros principados, um reino outros reinos, até chegar aos grandes impérios — o império egípcio, o império chinês, o império dos Incas, o império romano, o império árabe, o império de Carlos Magno, o império Otomano. Se esta lei sociológica enunciada por Tarde não tivesse outras a contrabalançá-la, a humanidade só poderia ter esperanças de gozar a *paz mundial* no dia em que todos os povos formassem um império, ou uma federação, mundial, exactamente como a *paz romana* veio com o império romano, a *paz chinesa* com o império chinês. E talvez um pouco tarde: temos razões para supor que, antes disso, os povos terão conseguido modificar a sua mentalidade, a não ser que tenham regressado à barbarie primitiva.

Mais próxima de nós, a paz da Europa virá depois do choque dos grandes blocos nacionais que actualmente se defrontam. Será uma *paz britânica*, uma *paz russa*, uma *paz germânica*? Eis o que não é fácil dizer.

Quanto à mentalidade dos povos, produto de ilusões inveteradas e de crenças errôneas, ela não mudará senão pela força da experiência, após sucessivas guerras ruinosas, como a de 1914. E então, quando todos estiverem conven-

cidos de que as guerras de hoje, ao contrário das antigas, não trazem vantagem alguma, antes prejuizos, para o vencedor, poderemos alimentar a esperança de que não mais haverá guerras.

Conclui-se daqui que a Sociedade das Nações para nada serve? Não. Em primeiro lugar, ela pode contribuir para esta transformação da mentalidade dos povos: pelos debates das suas reuniões, levando-os a exporem publicamente os seus pontos de vista, e a revelarem os seus intentos, e pela larga publicidade que lhes dá a imprensa, ela concorre para que um dia venha a formar-se um *governo de opinião* do conjunto das nações, como se formaram os governos de opinião dentro de cada nação. Em segundo lugar, ela pode solucionar os pequenos conflitos que, envenenados pelo amor-próprio nacional, são o ponto de partida das lutas armadas. Em terceiro lugar, ela será, talvez, capaz, de levar todos os povos à persuasão de que aquele que perturbar a paz terá contra si todos os outros.

Certo, ela terá os defeitos de todos os parlamentos, mas, até agora, ainda se não encontrou coisa melhor para os substituir. Sofre, além disso, de uma organização demasiadamente fastuosa, com numerosos funcionários pagos principescamente, o que não é um excelente exemplo para as nações. Finalmente, ela quiz aranger o mundo inteiro, e «quem quiz abraça pouco apertado». É de crer, por isso, que a actual Sociedade das Nações venha a dar lugar a organismos mais restritos: uma *Sociedade das Nações europeias*, uma *Sociedade das Nações asiáticas*, uma *Sociedade das Nações americanas* que, por sua vez, enviarão delegados a uma espécie de *Conselho Mundial das Nações*. Seja como for, as pequenas nações devem esforçar-se, ao contrário do que estão fazendo, por manter e prestigiar a Sociedade das Nações, pois são elas que mais correm perigo se se encontrarem sós na estrada com qualquer das grandes potências.

JOSÉ DE MAGALHÃES.

■ ■ ■

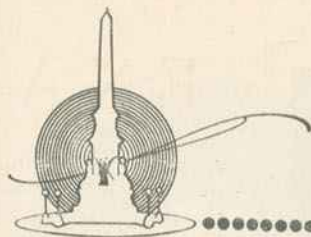
O «HORS TEXTE»  
DÊSTE NÚMERO

É do ilustre pintor Carlos Reis o quadro reproduzido na tricromia do presente número da nossa revista.

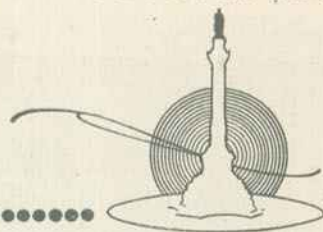
Discipulo, nos tempos da sua iniciação artística, do grande paisagista Silva Porto, no curso de desenho e pintura da Escola de Belas-Artes que frequentou, é também na pintura da paisagem que decisivamente veio a marcar, através de uma longa carreira, o seu nome, já hoje insigne. Aparilhado da natureza e dos tipos rurais, possui uma vastíssima galeria de telas nesse género, sem que, todavia, tenha descuidado outros, tais como o do retrato. A sua individualidade, definiu-a com justeza Ramalho Ortigão nestas palavras: «Carlos Reis sente como poucos a vida do campo, com toda a sua força criadora. O bucolismo, através do seu pincel, não se torna um estado-doentio, scismador e nostálgico. Faz dele uma energia tocada de ternura e amor».

Honra-se, portanto, a «Ilustração» reproduzindo o quadro «A senhora Georgina», que tão bem reflecte a sua maneira artística.





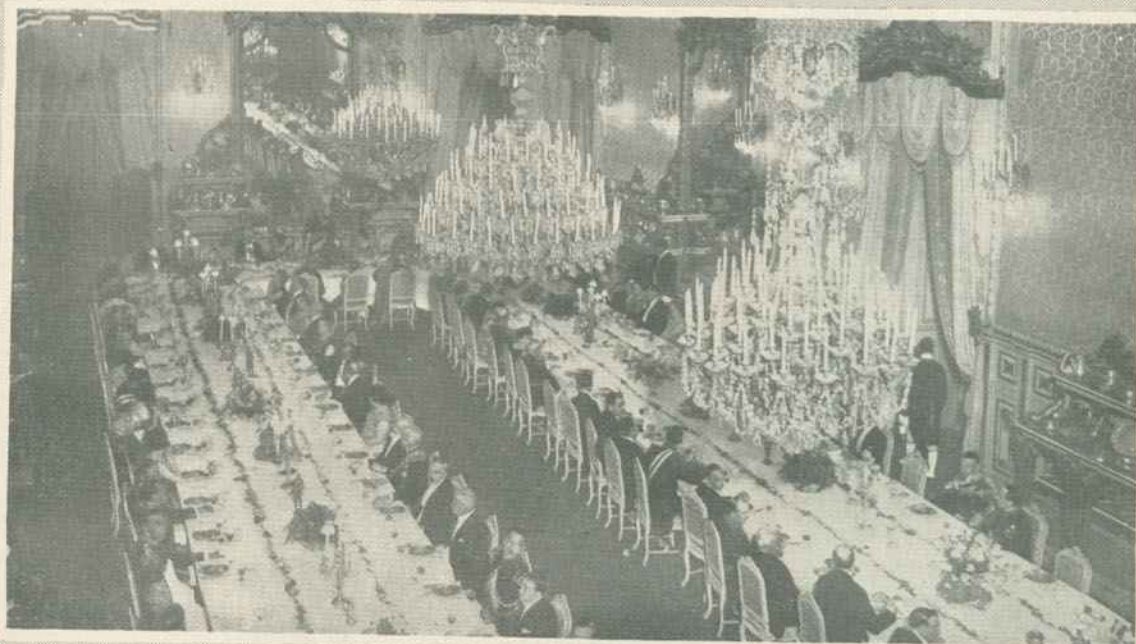
## LISBOA



Uma scena da trinitante recita de beneficência promovida pela Colônia Inglesa e realizada no teatro do Ginásio na noite de 8 do corrente



S. Ex.<sup>a</sup> o sr. Presidente da República, apondo, na Câmara Municipal, no dia 9 de Abril, as insignias da Torre e Espada na bandeira da Cruz Vermelha



Aspecto do banquete oferecido no Palácio da Ajuda, pelo sr. dr. Bernardino Machado e sua esposa aos membros do Corpo Diplomático e altas personalidades da política e da imprensa





A assistência ao chá oferecido, em sua casa, pelo sr. dr. Vasco Borges, ministro dos Negócios Estrangeiros, em honra do sr. dr. Afonso Costa



Grupo tirado na Embaixada do Brasil, na festa ali realizada para apresentação da ilustre cantora D. Antonieta de Sousa, premiada pelo seu país com uma viagem à Europa



O novo ministro do Egipto, enviado extraordinário de S. M. o Rei Fuad I, saindo, com o sr. dr. Justino de Montalvão, chefe do protocolo do Ministério dos Negócios Estrangeiros, do Palácio de Belém, no dia em que foi entregar ao Chefe do Estado Português as suas credenciais





Maria Alves, a formosa artista do teatro popular, cujo bárbaro assassinio, pelo mistério que o envolveu, tanto tem apaixonado a opinião pública



O funeral da desditosa actriz passando em frente do Grémio dos Artistas Teatraes



Aspecto da assistência ao sarau effectuado na sede do Lisboa Ginásio Club, para comemorar o restamento das suas relações com o Ginásio Club Português, festa que decorreu com muito brilho e constituiu uma bela demonstração dos progressos da cultura física entre nós.



A assistência ao copo de água oferecido á imprensa e mais convidados pelo conhecido joalheiro portuense, sr. Raúl Pereira, no dia da inauguração da sua exposição permanente em Lisboa



Grupo tirado na festa que se realizou no Instituto Commercial de Lisboa, celebrando o 5.º anniversário da sua Associação Académica e em que foi prestada uma homenagem ao seu illustre director, sr. Luis Viegas





## A COMEMORAÇÃO DO NOVE DE ABRIL



A multidão, na Avenida dos Aliados, guardando os dois minutos de silêncio, angustios, comoventes, bem significativos da saudade e do preço do nosso povo pelos seus mortos heróicos.



O sr. capitão dr. Barata da Rocha, combatente da Grande Guerra e autor do livro «Nêvoa da Flandres» em cujos versos perpassa um pouco da história sentimental dos portugueses no front, discursando na sessão solene que se efectuou a seguir aos dois minutos de silêncio.

A evocação da Batalha de La Lys, que é tecida, em partes iguais, de glória e de tristeza, de saudade e de orgulho, porque, no fundo, a derrota que as nossas tropas sofreram nesse já distante dia não foi senão um vivo testemunho dos esforços desmedidos que em todo o tempo foi possível exigir, nas horas de combate, da nossa gente, alcançou na capital do norte uma das mais sentidas e vibrantes manifestações efectuadas em todo o país. Houve sinceridade profunda e fremente entusiasmo nessas festividades, facto que só vem confirmar quanto a população portuense está sempre, em tôdas as emergências da vida nacional, possuída de verdadeiro sentimento pátrio.



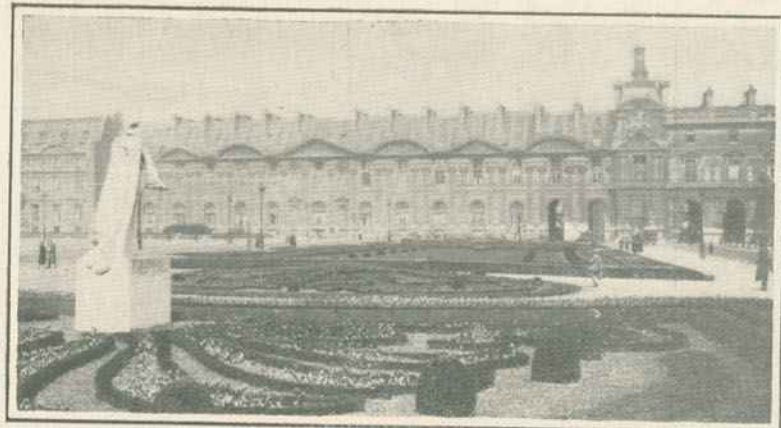
O Orfeão Académico de Lisboa entoando, com vibração e notável harmonia de vozes, o hino nacional, durante a referida sessão solene.



Os srs. Governador Civil, Comandante da Divisão, oficiais e membros da Junta Patriótica do Norte, acompanhando carinhosamente os órfãos dos soldados portugueses que se sacrificaram pela Nação.



# ILUSTRAÇÃO ESTRANGEIRO



PARIS — Já os habitantes da Cidade-Luz não podem duvidar de que a Primavera está com eles: as tulipas dos belos talhões ajardinados do Carrousel estão em flor.



PARIS — O dr. Jean Charcot, cujos trabalhos de exploração científica, pela sua alta importância, motivaram agora o seu ingresso na Academia das Ciências, o venerando instituto fundado por Colbert em 1666.



PARIS — Por ocasião das festas da Páscoa o movimento de turistas atingiu extraordinária intensidade: a gravura mostra muitos estrangeiros, em grandes carros automóveis, afastando-se do Tracadéro, depois de o visitarem.



PARIS — Aspecto do concurso hípico no Grand Palais, com torneio militar: o exercício dos cavaleiros da Escola de St. Cyr.

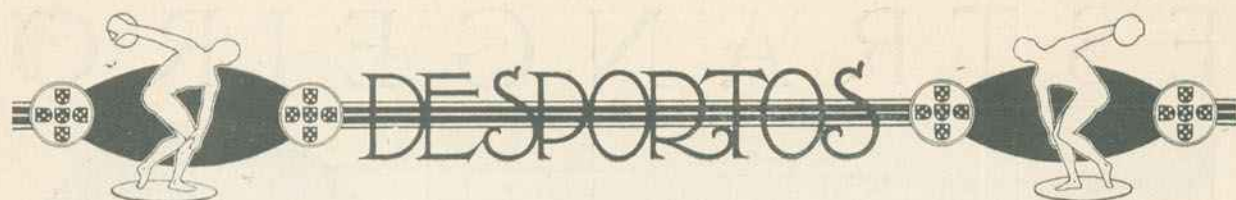


(Clôché Extra)

ROMA — Mussolini, com o apurmo próprio de um ditador, passando revista, na Villa Borghese, a alguns contingentes da Milícia, durante as festas comemorativas do VII aniversário da vitória do fascismo.



PARIS — Durante a Páscoa: os vendedores de buxo, nas proximidades da Igreja de St. Eustache, junto dos cartazes eleitorais, em que se podem ler coisas curiosas como estas: «Halte au Fascisme» e «Cynisme Fasciste».



Provável selecção portuguesa que disputará no dia 18 em Toulouse o 1.º Portugal-França em foot-ball

#### O 1.º PORTUGAL-FRANÇA

Realiza-se no próximo Domingo 18, em Toulouse, o 1.º match entre as equipas representativas de Portugal e da França.

O resultado deste encontro é aguardado com grande ansiedade por todos os desportistas portugueses.

Os nossos adversários não possuindo uma grande classe, tem contudo a prática de jogos internacionais e realizando-se este match em França, tem a seu favor o conhecerem o terreno em que jo-



Desafio Casuals-Sporting — Uma carga de Serra e Moura ao guarda-redes Inglês



Desafio Furth-Vitória — Um momento difícil para o guarda-redes alemão

gam e o público a apoiá-los.

A equipa francesa acaba de obter um grande triunfo batendo a equipa belga por 4 goals a 3, e vai pois apresentar-se em campo com um esplêndido moral e grande confiança na vitória.

Os nossos jogadores partiram também animados e confiantes num resultado honroso para as cores de Portugal.

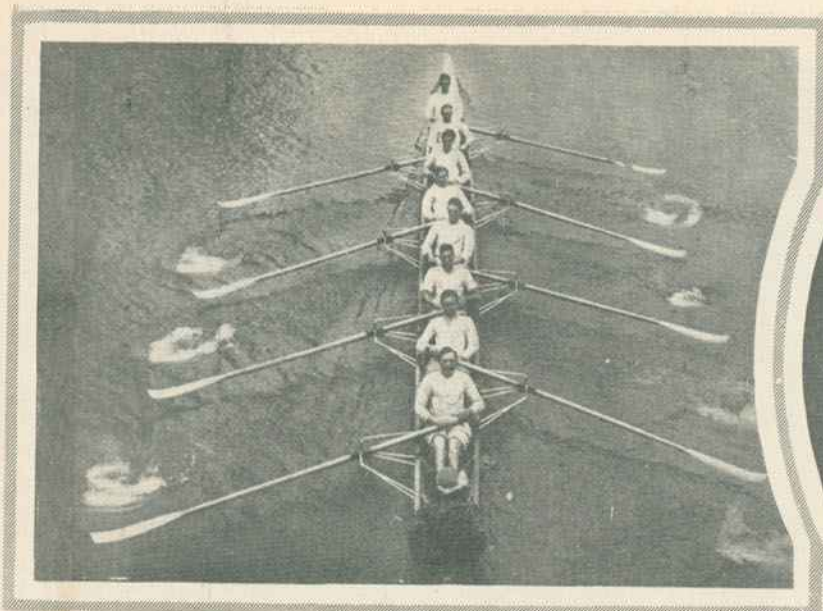
Depositando pois essa confiança nos bravos rapazes da equipa portuguesa aguardemos um novo triunfo para Portugal, triunfo que marcará no meio desportivo internacional.





CARLOS REIS—A senhora Georgina





O oito de Cambridge vencedor da prova



Aldo Nadi, campeão italiano

## A GRANDE REGATA OXFORD-CAMBRIDGE

Realizou-se há pouco no Tamisa o maior match de remo, considerado como o verdadeiro Campeonato do mundo.

O «oito» representativo de Cambridge conseguiu uma brilhante vitória sobre o seu antigo adversário, que era considerado como favorito da grande prova.



O major Seagrave ao volante da Talbot 2 L.

## ESGRIMA

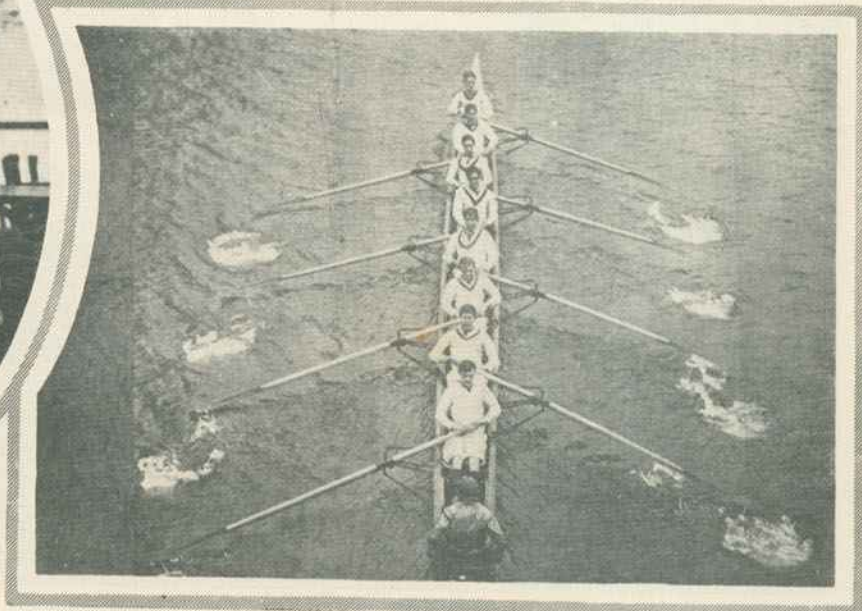
O MATCH  
ALDO NADI - ROGER DUCRET

Disputou-se em Paris o combate a espada entre o campeão italiano e o campeão francês, cujos retratos publicamos.

Aldo Nadi ganhou brilhantemente impondo a sua grande classe e mostrando-se nitidamente superior ao seu valoroso adversário.



Roger Ducret, campeão francês



O oito de Oxford em plena corrida



# SOCIEDADE ELEGANTE



A sr.<sup>a</sup> D. Dalila da Silva Correia Leite, filha da sr.<sup>a</sup> D. Halia Correia Leite e do sr. dr. Arlindo da Costa Correia Leite, e o distinto advogado e poeta sr. dr. Fernando Tavares de Carvalho, filho da sr.<sup>a</sup> D. Casimira Tavares de Carvalho e do sr. António Tavares de Carvalho, cujo casamento, com singular esplendor, se realizou há dias em capela armada na residência dos pais da noiva.



A comissão de senhoras que organizou os chás-dançantes no «Avenidas-Club», dos quais o primeiro, realizado há dias, decorreu com muito brilho e animação.



Grupo de convidados do brilhantíssimo chá oferecido às pessoas das suas relações pela sr.<sup>a</sup> D. Ana Portocarrero da Câmara Mesquita e pelo sr. dr. Amadeu de Mesquita, ilustre vice-governador da Companhia do Crédito Predial Português, na sua elegante residência de Benfica e a quem assistiram, entre muitas outras pessoas, as sr.<sup>as</sup> Marquesa do Lavradio e filhas, Condessa das Alcaçovas e filha, Condessa da Torre e filha, Condessa Penha Garcia e filha, Condessa S. Lourenço e filhas, Condessa de Sampaio e filha, Condessa de S. Miguel, Viscondessa de Almeida Garrett, Viscondessa de Mafra, Viscondessa de Silveiras, D. Flora de Sousa, Rodrigues, D. Margarida Isaac Camp Sobral Cardoso de Menezes (Margaride), D. Maria Monteiro Bastos, D. Madalena Trigueiros Martel Patricio, D. Alice Anjos e neta, D. Mariana Seabra Roquete e filha, D. Maria Guedes e filha, D. Aida Pinto Machado e filha, D. Cristina Roquete Campos Henriques, D. Maria Luiza Oliveira Monteiro e filha, D. Maria da Piedade Brito e neta, etc.

Grupo de senhoras, pertencentes à desvelada instituição de caridade «A Hora dos Pobreziños», que procederam, no salão da Liga Naval, à distribuição de enxovais e donativos em dinheiro por 400 criancinhas. Fazem parte do grupo as sr.<sup>as</sup> D. Maria Rio de Carvalho, D. Bernardina Faria Velez, D. Olivia Xavier Cordeiro, D. Constança Pessanha, D. Maria Amélia Cordeiro, D. Palmira Jardim e D. Elvira Albuquerque.



A NECESSIDADE  
DE MATAR

N um quarto alegre, forrado de seda cor de rosa, com cortinas transparentes nos vãos rasgados das janelas que deixavam alargar-se sobre o tapete claro gloriosas chapas dum sol de primavera, uma mulher muito nova, muito bonita, scismava encolhida numa poltrona de ramagens discretas. Envolta num mole roupão de seda fixava as largas manchas de sol. Um vago perfume pairava. Ali, tudo era fino, elegante, acertado.

Curvada para a frente, as mãos brancas amparando o queixo redondo, scismava, e nos seus olhos deslumbrantes ardia o lume trágico duma espera ansiosa.

Subitamente uma criada entrou:  
— Minha senhora... O correio...

— Ah! — E da larga manga surgiu a linha perfeita dum braço, e as cartas foram arrebatadas quasi brutalmente.

A criada saiu...

O sobrescrito rasgado caía sobre o tapete, a carta tremia nas finas mãos, nuas de qualquer joia.

«Meu amor — só duas palavras: tenho muito que fazer, e vais passar dias sem mais notícias minhas. Parto em missão especial, fácil, de leve risco mas de grande segredo. Não te assustes, não te aflijas. Sabes que por ti eu não procuro perigos, modestamente me contento em cumprir. Só tenho uma ambição na vida — tu. — E para ti me poupo e me guardo. Tem paciência e coragem. A tua última carta chegou-me com grande atraso, o horror da sua falta tornou-me mais querida quando enfim a pude ler. Meu amor, que má companheira de soldado has-de ser, mas que me importa a carreira, e que infinita ternura sentia ao decorar, linha a linha, palavra por palavra tudo quanto me pedes e recomendas. Sim, eu terei cuidado; na medida do possível serei prudente, e pouparei quando isso me seja permitido pelas circunstâncias a vida dos meus adversários. Como tu me ensinaste eu já não reconheço a necessidade de matar. Quem sabe, talvez mais dum homem venha a dever-te a vida! Nasceste, meu amor, para espalhar alegria e felicidade. E eu, oficial dum exército em campanha, sinto um estranho desprezo pelos horrores da guerra quando leio as tuas cartas. — Meu amor, adeus, tem coragem e fé durante estes dias dum silêncio que não poderei romper. Mais que nunca os meus pensamentos irão todos para ti — e termino secamente, não quero que a censura manche com a sua indiscreção a minha despedida.» — V.

Lida e relida a carta, foi juntar-se a outras cartas na gaveta duma pequena secretária, e a mulher, tomando a sentar-se na poltrona de ramagens discretas, começou a chorar de mansinho, sem azedume, de ternura e de saudade.

A 800 quilômetros de distância, numa vasta cidade brulha, ressoante de tremendos rumores, num bonito quarto alegre, onde as claras mobílias tomavam tons de laca ao toque dourado do sol, sentada entre almofadas de seda numa poltrona clara, envolta num roupão de seda, uma mulher muito nova, muito bonita, lia uma carta com um sorriso de encanto, de orgulho e de triunfo vagamente cruel. E ao ler mal podia conter leves exclamações e sacudia a cabeça fazendo ecoar, como uma chama ligeira, o farto cabelo cortado que parecia tecido de ouro.

«Meu amor. — Não te posso dizer onde me encontro agora. Mas é na extrema guarda avançada das nossas linhas, em plena zona de surpresas e de perigos invisíveis. Estende-se na minha frente um imenso horizonte de colinas cobertas de arvoredo e cheias de silêncio. Há uma paz absurda e absoluta; a região parece deserta. Muito ao longe, muito abafado e surdo, chega-me o choque constante dos duelos de artilharia. Aqui é a monotonia lenta da inatividade. Contudo, mal posso descansar; sempre alerta, sempre pronto a súbitos ataques, a matar ou a ser morto — à espera, à escuta, na eterna desconfiança daquilo que possa surgir do calmo horizonte das colinas. Vivo num casebre demolido junto a um ribeiro que murmura... Não é cômodo, mas tenho visto pior. A inação pesa-me, estou enervado, irritado, o

meu regimento falta-me; de nada sou informado, a todo o instante o fio telefónico me sussura... Alerta! Greio contido que tudo nos corre bem... Vencer! Vencer! Perdoa-me meu amor mas bem me compreendes minha querida heroína e mais te quero por isso. — Antes ficar estendido no campo com uma bala na testa do que voltar-te vencido! Has-de ser, Deus louvado, a soberba companheira dum soldado, e quando leio as tuas cartas, o teu entusiasmo sobe-me à cabeça como um vinho muito rico e procuro ocasiões, e desprezo todas as timidez do desejo de mostrar-me digno de ti.

A calma imbecil deste sector em que se não combate permite-me pensar no meu amor... E bom... Mas melhor seria batalhar, e matar e vencer para mais depressa e com gloria voltar para teu lado.» — R.

Lida duas vezes, a carta foi juntar-se a outras cartas na gaveta duma pequena secretária, e sentando-se de novo na poltrona entre as almofadas de seda, a mulher, com um riso victorioso, curvou-se sobre uma mesa onde um mapa se cobria de flâmulas escarlates pontuando o avanço dum exército em território inimigo.

Meio dia. Uma atmosfera de incendio, uma poalha de sol batendo a terra, crivando as folhagens, arrancando faiscas deslumbradoras aos pedregulhos de granito. No silêncio meridiano do dia tórrido um pesado rumor de insetos. Na distância, muito longe, severo, surdo, tremendo, o constante rolar dos fogos de artilharia. — A vista, ninguém — o éter róxo e no zenith a explosão silenciosa do Sol. — Uma nevoa de calor vibrando sobre o refúgio duma ribeira, e por toda a parte colinas suaves cobertas de verdura.

Descendo devagar por um carreiro pedregoso entre moitas de castanheiros, em fila, mudos, soturnos, empastados de suor e poeira, as expressões petrificadas de ansiedade, o olhar vivo da extrema desconfiança sondando o misterio do bosque, quatro cavaleiros surgiram, carabinas apertadas cruzadas sobre as bolsas de limpeza. A' volta dos cavalos esfalfados, de olhar sangrento, um vivo enxame de moscardos. A' frente o oficial — vermelho de sol, enervado pela responsabilidade, roído pela dúvida.

O oficial ergueu o braço, tilintaram ferros, um cavalo escarvou ruidosamente a terra quente.

— Aguenta-me essa besta! — O oficial voltara-se bruscamente sobre a sela encarando os três homens. Um soldado, confuso, puxou brutalmente as redas, o cavalo socego. Encolhidos olhavam em redor dedilhando nervosamente os gatilhos. Um sardão azul e verde fugiu num fio de poeira — todos sobresaltaram. Mais abaixo, entre a verdura, via-se a ribeira reluzente, um tóxico casebre em ruínas, uma parede desmantelada recoberta de filizes poeirentas, e... a solidão!

O oficial apeiou. A indecisão transparecia mais clara no seu rosto; os soldados olhavam-no inquietos. Muito tempo consultou a carta comparando o terreno, calculando... Com mil demônios, estavam longe, e nem vestigio de inimigo. Embrutecidos os homens esperavam. Entregou-lhes o cavalo; encostado a um tronco delgado, de binóculo em punho detalhou o sector... Nada!... O céu azul, as verduras infinitas, o silêncio, o rio deslumbrante ferindo a vista e aquela pobre ruína insignificante e lamentável entre as silvas. Na distância, sacudindo a terra o surdo trovejar da imensa batalha.

Suspirou profundamente, um obscuro mal estar apertava-lhe a garganta... E tinha sede. Devagar puxou a pistola, examinou-a, armou-a. Ainda indeciso voltou-se para os homens. — Depois, bruscamente, com uma praga decidiu-se, e ciciando ordenou:

— Vou ali abaixo até ao rio e à casa; esperem-me aqui... Não, ninguém comigo. Nem um cigarro, nem um pio e cuidado com os cavalos... Entendido? — Os homens não responderam, dormiam quasi entalados no equipamento, esmagados de cansaço, de fome, de sede; e o oficial partiu sem bulha e perdeu-se logo nas moitas densas de castanheiro. Sósinho a solidão pezou-lhe. Cada sombra lhe parecia a sombra dum homem armado. Parava, espreitava longamente entre a folhagem, apertando a pistola. Partia de novo e folhamente, com infinitas cautelas foi-se chegando à pobre casa em ruínas — silêncio — solidão — praguejo men-

talmente. O medo de ter medo tornou-o mais afoito. Na distância, detonações enormes convulsavam a atmosfera, ouvidas dali eram apenas choques surdos e comoventes. — Ah! — com um alívio singular alcançou a esquina do casebre, respirou limpando a testa do suor. Vergou pelo meio, rastejou até chegar à primeira janela; uma janela baixa, sem vidraças, de caixilho estilhaçado. Com supremo cuidado, sem um rumor ergueu-se. A surpresa por pouco lhe arancou um grito. Dentro do quarto entre montes de calica e de madeiros calcimados, sobre um fardo de palha espalhada, dois soldados dormiam pesadamente. De costas para ele, sentado diante duma mesa tosca, imóvel, um oficial de cigarro na boca, o dólman desapertado, uma pistola ao alcance da mão, escrevia rapidamente sobre um farrapo de papel. Uma rajada de triunfo encheu a alma do tenente... Era a missão cumprida! Findava o pesadelo e tudo correria tão bem, sem perigos... Um passeio afinal!... Sob os seus pés um galho seco estalou... No quarto, bruscamente, o moço oficial estremeceu, a sua mão por instinto procurou a arma, e, sem se voltar, hirto na cadeira, sondava o silêncio.

Cosido ao peitoril, um suor de angustia escorrendo-lhe da testa, o coração martelando-lhe o peito, o tenente calculava... e calculava bem. Como escapar agora sem levantar alarme? Por cauteloso que fosse um seixo podia rolar, quebrar-se um ramo, qualquer coisa assim sem importância alguma mas que, ali, representava a morte... Então, devagarinho pousou o braço sobre o peitoril e com a pistola cobriu o dorso do inimigo. Respirou, mais socegado, calculando sempre: Os soldados dormiam, matando o oficial salvava-se... galgaria uns palmos de terreno descoberto, sumia-se nas moitas, alcançava a sua gente — montar, galopar, e era a missão terminada, o elogio, a satisfação do dever levado a bom termo — mas, era preciso matar... pelas costas... covardemente. Sobre o gatilho da arma negra já o seu dedo se contraía — Era o inimigo e a lei era matar!

Encostado à mesa o moço oficial abandonou a pistola, retomou o lapis e o papel. Nas suas costas, a boca da pistola tremou. Na memória do tenente uma frase recomponha-se:

— Quem sabe, meu amor, talvez mais dum homem venha a dever-te a vida!

Numa aguda saudade de infinita ternura teve a visão do lindo quarto alegre, das paredes revestidas de seda cor de rosa, e pareceu-lhe que a via, a Eia, a mulher que adorava acima de qualquer dever e de todas as razões, estendendo os braços numa supplica:

— Perdoa-lhe a vida, perdoa-lha por mim; talvez alguém o espere como eu te espero a ti!

Devagar retirou o braço. Mentalmente murmurou: — Meu querido, querido amor! — Curvou-se, cosendo-se à parede. Gotas de suor rolavam-lhe para os olhos, o sangue nas artérias pulsava-lhe nos ouvidos como um rufar de tambores. Afastou-se. Ao alcançar a esquina endireitou-se respirando livremente. Estava salvo e não matara! Não cumprira a lei de guerra cedendo à lei de humanidade... Mais uns passos e era a protecção das moitas cerradas de castanho...

Deus de misericórdia! Ao deixar o amparo da esquiua prendeu a cintura numa lasca de pedra; solta no coudre a pistola caiu com ruído sobre uma lagoa. Aterrado, curvou-se, estendendo a mão... Um aspero brado de surpresa e mofa saudou-o da janela. Teve a rápida visão dum rosto moreno, enérgico, cruel; a percepção horrível dum gesto inevitável de morte. Um clarão fulgurou, um peso imenso pareceu abandonar o seu corpo, e no derradeiro instante teve a ilusão de ironia atroz de duas mãos muito brancas, nuas de qualquer joia, afastando uma visão de horror!... E a carreira, e os amores, e a vida do oficial que faltara à lei de guerra, acabaram ali, ingloriamente, sem combate, junto a esquina do casebre desmantelado.

Entre as moitas, fazendo ressaltar seixos e torrões, fustigados pela tamará baixa, três cavaleiros levando um cavalo sem dono, curvados sobre as crinas das montadas, galopavam furiosamente num tilintar de ferros e rouquejar de pragas, levando ao comando a notícia da missão cumprida e da perda de um oficial.

ANTÔNIO D'ÊÇA DE QUEIROZ.





Charlie Chaplin

CHARLIE CHAPLIN, o inconfundível Charlot, gênio máximo da cinematografia, deu recentemente uma sensacional entrevista a Harry Carr, para a «Motion Picture Magazine». Recordamos alguns pontos que não precisam de comentários:

«Leio freqüentemente nos jornais — diz Charlie — que tenho este ou aquele motivo poderoso para fazer esta ou aquela coisa; mas está tudo enganado. Tudo isso, em mim, é puro instinto dramático. Eu não faço planos complicados, não premedito coisa alguma; sei simplesmente se é bom ou mau.

O pouco sucesso da «Opinião publica» não foi devido, como me acusaram, a que esse filme fosse «pensado demais» mas sim porque, no seu desfecho, abolia toda a esperança. Era pura e simplesmente vida.

— Por outras palavras, era tragédia!

— Sim, era tragédia.

Charlie hesitou e depois disse:

Na Alemanha vêem os meus filmes sob o ponto de vista intelectual e em Inglaterra, só lhe apreciam o lado acrobático e *clownesco*.

.....  
— Não acha que se marca passo na cinematografia?

— Acho apenas que se dá evidentemente este facto: todas as situações dramáticas possíveis, têm sido usadas até ao limite máximo, na confecção dos filmes!

.....

Em matéria de projectos para o futuro, Charlie declara que está realizando um grande filme que representa a vida patética dum palhaço. Depois, realizará a sua grande ambição, a filmagem da «Vida de Cristo», de Papini. Está mesmo em vésperas de declarar definitivamente que prestará o concurso da sua arte incomparável e espantosa à interpretação do papel principal.

— Nenhuma interpretação adequada nem jus-

ta foi ainda dada no teatro a figura de Jesus — declara Charlot. — Para mim, a coisa mais profundamente trágica que se escreveu ainda sobre este assunto, foi «Os trinta últimos dias» de Sadacki Hartmann.

Não concebo Jesus como a figura habitual, piedosa, solene e triste, como o teatro e a literatura no-lo mostram. Jesus era, certamente um homem dum encanto social muito pronunciado e de nenhuma forma destituído de «humour».

A Bíblia nos diz que ele era um convidado, e um convidado de honra, nas mesas dos ricos e dos pobres. Tentou fazer compreender a sua mensagem ao mundo e ninguém a compreendeu. Nisto reside a suprema tragédia.

— Charlie, a vida vale, na verdade, a pena de se viver?

— A's vezes! Por exemplo; eu estou estendido de costas, à beira mar e contemplo o céu, deixando de pensar, numa espécie de beatitude mental. Depois, o estômago previne-me que são horas de comer e eu como. Depois, estendo-me novamente sobre a areia. E a vida vale a pena viver-se!!!...

.....

O encenador português, João de Sousa Fon-

seca, nosso colaborador, terminou há dias uma curiosa fantasia cinematográfica com a colaboração do operador também português Artur Costa de Macedo.

O curioso filme, de grande originalidade técnica, foi produzido em Sintra e no desempenho figuram senhoras e cavalheiros da nossa melhor sociedade. Entre os intérpretes masculinos e figurantes, podem citar-se os nomes conhecidos de Lino Ferreira, Mário Duarte, ilustre director da «Revista de Teatro», o arquitecto Norte Junior, o crítico de arte Alfredo Leal, etc. O filme, que se destina à exibição no estrangeiro, talvez seja projectado em breve num dos nossos ecrãs de categoria.

.....

O romance americano «A letra encarnada» que a «Ilustração» vem publicando com magnífico êxito, está sendo adaptado ao filme. A protagonista é a genial Lilian Gish e será reproduzida com grande esplendor e riqueza de encenação. Vitor Sjöström é o realizador.

.....

Duas peças criadas em Portugal por Ilda Sticini, estão actualmente em filmagem. «Vertigem» de Charles Méré com Jacques Catelain nem arte, mal interpretado e péssimamente realizado. Mais uma tentativa que falha por falta de gosto e de profissionalismo. Pêzames.



Mary Pickford, considerada a mais alta figura feminina do cinema americano, no filme «Dorothy Vernon» para United Artists

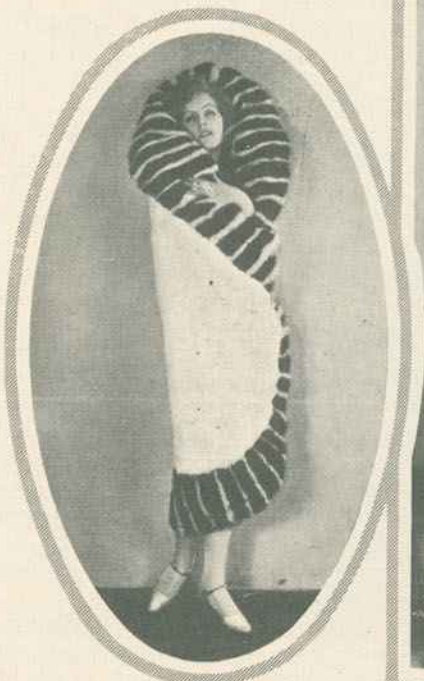
e Emy Lynn, direcção de Marcel L'Herbier e «Simone» de Brieux com Lucienne Legrand e Donatien que é também o realizador.

■ ■ ■

V. Tourjansky o encenador russo que foi o mais alto expoente da *Albatros* e sua mulher Natalia Kowanco, foram contratados pela Metro Goldwyn.

■ ■ ■

A «Atlantida Films» do Funchal, apresentou o seu primeiro trabalho «Calúnia» em matinée por convites. Trata-se dum dramalhão horripilante, sem medida



Greta Garbo a nova vedetta que os americanos descobriram na Suécia e protagonista do filme de Blasón Ibañez «Torrent»



Claire Windsor que acaba de casar com Bert Lytell, ambos «stars» da grande casa «Metro-Goldwyn-Mayer»



A nova «wamp» da Fox-Film, Diana Miller, uma beleza dum encanto muito particular e grande elegância



## A LETRA ENCARNADA

Romance por NATHANIEL HAWTHORNE

(Continuação do n.º 7)

*Sensacional romance americano, cujo extraordinário êxito se avalia pela tiragem de 2.700.000 exemplares atingida nos Estados Unidos.*

—Sim, sou a Pearl pequenina!—repetiu a criança continuando a saltar.

—Tu não és minha filha! Tu não és a minha Pearl!—disse a mãe meio a gracejar; pois acontecia por vezes vir-lhe um impulso de brincar nas ocasiões em que se lhe exacerbava o sofrimento.—Dize-me então: quem és tu? e quem te mandou a este mundo?

—Dize-me tu, mãe!—disse a pequenita, com ar sério, vindo para Hester e encostando-se-lhe aos joelhos.—Dize-me tu!

—Mandou-te o teu Pai que está nos Céus!—respondeu Hester Prynne.

Mas disse-o com uma hesitação que não passou despercebida à expertise da criança. E, ou porque a movesse apenas a sua costumada travessura, ou porque um espirito maligno a solicitasse, ergueu o dedinho e pô-lo na letra encarnada.

—Não foi Ele que me mandou!—disse com firmeza.—Eu não tenho Pai que está nos Céus!

—Cala, Pearl, cala! Não deves assim falar!—respondeu a mãe, abafando um gemido.—Foi Ele que nos mandou a todos para este mundo. Até a mim, tua mãe, Ele mandou. Com muito mais razão te mandou a ti. E, se não foi, donde vieste tu?

—Dize! dize!—Repetiu Pearl, não já a sério, mas outra vez a sorrir e a saltar.—Tu és que tens que dizer!

Mas Hester não pôde responder a pergunta, porque ela mesma estava num triste labirinto de dúvida. Lembrou-lhe—entre um sorriso e um estremecimento—o que dizia gente da cidade, a qual, não tendo descoberto à criança outra paternidade, e observando alguns dos seus estranhos atributos, tinha feito correr voz que a pobrezinha era filha de um demónio: como outras criaturas que desde as velhas eras do catolicismo, de tempos a tempos, tinham vindo à terra, por via do pecado materno, e para fins sinistros e monstruosos. Lutero, segundo propagavam os frades seus inimigos, era desta prole infernal, e não era Pearl a única criança a quem entre os puritanos da Nova Inglaterra se atribuiu esta mal-afortunada origem.

## VII

## O VESTIBULO DO GOVERNADOR

HESTER Prynne foi, um dia, ao palácio do Governador Bellingham, levar um par de luvas, que por encomenda d'ele tinha debruado e bordado, e que haviam de ser usadas em mo-

guma grande solenidade; pois, ainda que, pelos acasos da eleição popular, este antigo regente tivesse tido que descer um ou dois degraus da eminência que ocupara, tinha ainda um lugar de honra e influência entre os magistrados da colónia.

Por outro motivo, e bem mais importante que a entrega de um par de luvas bordadas, procurava Hester, nesta ocasião, avistar-se com personagem de tanto poder e acção nos negócios da colónia. Tinha-lhe chegado aos ouvidos que era propósito de alguns dos mais influentes colonos, partidários da mais rígida ordem de princípios na religião e no governo, tirar-lhe a filha. Partindo da hipótese, já referida, de que Pearl era de origem demoníaca, sustentava esta boa gente, não contra a lógica, que o interesse cristão que deviam ter pela alma da mãe lhes prescrevia que lhe tirassem do caminho um tal obstáculo. Se, por outro lado, a criança fosse realmente capaz de receber sentimentos morais e religiosos, e possuísse, portanto, os elementos da salvação final, então, por certo, melhor os poderia desenvolver se a confiassem a mais competente e digna guarda que a de Hester Prynne. Entre os que neste propósito se empenhavam, era o Governador Bellingham, ao que se dizia, um dos que mais o tinham a peito. Pode parecer singular, e de certo, não pouco ridículo, que um caso desta ordem, que em tempos mais modernos não seria submetido a mais alta jurisdição que a dos homens bons da cidade, fosse então discutido como negócio público e se tornasse matéria de discordância entre os estadistas. Porém naquela época de simplicidade primitiva, assuntos de ainda menor interesse público, e de valor intrínseco muito mais escasso que o bem de Hester e da filha, se imiscutiam nas deliberações dos legisladores e nos actos do Estado. Foi num período pouco anterior—se é que o foi—ao desta história, que uma questão acerca da propriedade de um porco não só levantou uma discussão prolongada e tormentosa na assembleia legislativa da colónia, mas determinou uma modificação importante na própria estrutura da assembleia.

Cheia, portanto, de inquietação—mas tão segura dos seus direitos que quasi lhe não parecia desigual o combate que se ia travar entre o público, de um lado, e do outro uma mulher destituída de outro apoio que não fossem as simplicidades da natureza—saiu Hester Prynne da sua cabana solitária. A pequenina Pearl, é claro, ia com ela. Já tinha idade bastante para correr ligeiramente ao lado da mãe, e, sempre em mo-

vimento da manhã à noite, faria com facilidade um percurso muito maior que este. Muitas vezes, é certo, mais por capricho que por necessidade, pedia à mãe que lhe pegasse ao colo; mas não tardava a exigir-lhe, não menos imperiosamente, que a pusesse outra vez no chão, e lá seguia aos pulos adiante dela, pela vereda relvosa, tropeçando e escorregando sem mal de maior. Já falámos da beleza rica e deslumbrante de Pearl—uma beleza que brilhava em cores vivas e profundas, uma tez clara, olhos cheios de intensidade tanto de profundidade como de fulgor, e cabelo já de um castanho rico e escuro, que, anos depois, deveria ser quasi preto. Havia fogo nela e por toda ela: parecia o fruto impremeditado de um momento de paixão. A mãe, ao fazer as vestes da criança, tinha dado pleno curso às tendências sumptuosas da sua imaginação, adornando-a de uma túnica de veludo carmesim, de um corte singular, abundantemente bordada com fantasias e floreios de fio de ouro. Esta força de colorido, que daria um aspecto esbatido e pálido a faces de mais branda cor, adaptava-se admiravelmente à beleza de Pearl, e tornava-a a mais engraçada chamazinha que alguma vez se vira dançar sobre a terra.

Mas era notável atributo deste traje, e, em verdade, de todo o aspecto da criança, lembrar, irresistível e inevitavelmente, a quem a via, aquele sinal que Hester Prynne fora condenada a usar no peito. Era a letra encarnada com vida! A própria mãe—como se a ignomínia vermelha tanto lhe houvesse queimado o cérebro que todas as suas ideias tomassem aquela forma—tinha cuidadosamente dado expressão a esta semelhança, gastando muitas horas de mórbida paciência em criar uma analogia entre o objecto da sua afeição e o emblema da sua culpa e tormento. Mas, em verdade, Pearl era ambas essas cousas: e só em consequência dessa identidade é que Hester conseguia representar tão perfeitamente a letra encarnada no aspecto da filha.

Quando as duas caminantes chegaram à cidade, os filhos dos puritanos pararam o instante em seus brinquedos—ou nos entretenimentos a que aqueles garotitos chamavam brinquedos—e disseram gravemente uns para os outros:

—Olha, olha bem, ali vai a mulher da letra encarnada; e ali vai também a imagem da letra a correr ao lado dela! Vamos atirar-lhes com lama!

Mas Pearl, que era uma criança destemida, depois de olhar duramente para eles, de bater o



pê e de fazer com a pequenina mão uma série de ameaças diversas, correu de repente sobre o grupo dos inimigos, e pô-los em fuga a todos. Parecia, ao persegui-los, uma peste infantil — a escarlatina ou qualquer outro pequeno anjo vingador — cuja missão fosse punir os pecados da geração mais nova. Gritava e guinchava, também, com um volume terrível de som, que, sem dúvida, fazia estremecer os corações dos fugitivos. Obtida a vitória, Pearl voltou sossegadamente para o pé da mãe, e olhou-lhe, sorrindo, para a cara.

Sem mais aventura, chegaram à residência do Governador Bellingham. Era uma casa grande, de madeira, construída num estilo de que ainda hoje restam exemplares nas ruas de nossas mais antigas cidades; casas agora já cobertas de musgo, quasi a desfazer-se, e profundamente melancólicas, dos muitos casos, tristes ou alegres, lembrados ou esquecidos, que se deram e passaram nas suas salas sombrias. Então, porém, havia no exterior desta casa a frescura do ano que passava, e das janelas batidas do sol sala a alegria brilhante de uma habitação humana onde nunca tinha entrado a morte. Tinha, realmente, aspecto muito alegre, pois as paredes eram cobertas de uma espécie de estuque em que se tinham misturado em abundância bocados de vidro partido; de modo que, quando o sol dava de lado na frontaria, esta brilhava e luzia como se para ela tivessem atirado diamantes às mãos cheias. Era um brilho mais próprio do palácio de Aladino que da mansão de um chefe puritano grave e idoso. Decoravam-na também figuras e diagramas estranhos e, ao parecer, cabalísticos, próprios do singular gosto da época. Tinha-nos gravado no estuque quando ainda fresco, e agora estavam duros e persistentes, para admiração dos vindouros.

Pearl, olhando para esta casa maravilhosa, começou a saltar e a dançar, e pediu imperiosamente à mãe que tirasse dali todo aquele sol que estava na frontaria, e lho desse a ela para brincar.

— Não, não pequenina! — disse a mãe; — tens que apanhar tu o sol que quiseres. Não tenho nenhum para te dar!

Chegaram à porta, que era de arco, e ladeada, à direita e à esquerda, por uma pequena torre ou projecção do edifício, em cada uma das quais havia janelas com gólos, que tinham também portas de madeira, para quando fossem precisas. Erguendo a aldraba de ferro que pendia da porta, Hester Prynne bateu uma pancada, a que respondeu um dos criados-servos do Governador — um inglês de livre nascimento, mas que estava agora sujeito a uma servidão de sete anos. Durante esse tempo era propriedade de seu dono, e podia ser negociado ou vendido do mesmo modo que um boi ou uma alfaia. O servo estava de casaco azul, que era o traje costumeiro dos criados ingleses naquele período, e desde muito antes, nos velhos solares de Inglaterra.

— Sua Senhoria o Governador Bellingham está em casa? — perguntou Hester.

— Está, sim senhora — respondeu o servo olhando pasmado para a letra encarnada, que ele, por ter vindo recentemente para a cidade, ainda não vira. — Sua Senhoria está em casa. Mas estão com ele um ou dois piedosos sacerdotes, e também um físico. Não podeis agora falar-lhe.

— Entrarei, contudo — replicou Hester Prynne; e o servo, calculando talvez pelo seu ar decidido, e pelo símbolo brilhante que lhe via no peito, que era uma grande dama da terra, não pôs dúvidas a admiti-la.

Assim, entraram mãe e filha para o vestibulo. Com muitas variantes, sugeridas pela natureza dos materiais de construção, pela diferença do clima e pelo diverso carácter da vida social, o Governador Bellingham construiu a sua nova habitação segundo o tipo das residências dos homens de posses da sua terra natal. Este vestibulo era uma sala vasta e bastante alta, a toda a profundidade da casa, e formava um meio de comunicação geral, mais ou menos directo, com todos os outros compartimentos. Em uma das extremidades, recebia luz das janelas das duas torres, que formavam um pequeno recanto de cada lado da entrada. Na outra extremidade, recebia muito mais luz, que estava, porém, em parte velada por um reposteiro, de uma daquelas janelas de vestíbulo, arqueadas, de que lêmos nos livros antigos, e que tinham um assento largo e estofado. Aqui, sobre o estôfo, estava um infolio, provavelmente das Crônicas de Inglaterra, ou de algum outro género literário igualmente substancial; assim como hoje em dia espalhamos volumes dourados pela mesa de centro para que as visitas os folheiem. Compunha-se a mobília, de algumas cadeiras pesadas, cujos espaldares eram adornados de complicados festões de flores talhados em carvalho, de uma mesa do mesmo gosto, tudo do tempo da rainha Isabel, ou até mais antigo, e de teares de família, para aqui transferidos da casa paterna do Governador. Sobre a mesa, para prova de que o sentimento da velha hospitalidade inglesa também viera com o resto — estava uma grande caneca de estanho, no fundo da qual, se para lá Hester ou Pearl tivessem espreitado, teriam visto um resto espumoso de um recente golo de cerveja.

Havia na parede uma fila de retratos, que representavam os maiores da linhagem dos Bellinghames, alguns de couraça sobre o peito, outros de grandes gólos e trajos de paz. A todos caracterizava aquele ar austero e duro que os antigos retratos invariavelmente mostram, como se fossem os espectros, e não as pinturas, de notáveis extintos, e estivessem a contemplar com rígida e intolerante censura os trabalhos e recreios dos vivos.

Ao centro, ou quasi, das almofadas de carvalho que forravam a sala, estava pendurado um fato de malha de ferro, que não era, como os quadros, reliquia ancestral, mas de modernis-

sim data; pois tinha sido fabricado por um hábil armeiro de Londres no mesmo ano em que o Governador Bellingham viera para a nova Inglaterra. Constatava de capacete de aço, couraça, gorjal e grevas, com um par de manoplas e uma espada pendurados por baixo; todas estas peças, sobretudo o capacete e a couraça, tão bem polidas, que brilhavam com uma luz branca, cujo reflexo se espalhava em torno pelo chão. Esta panóplia luzidia não estava ali só para decoração; tinha-a o Governador vestido muitas vezes, em paradas e campos de exercícios, e também tinha brilhado à frente de um regimento na guerra dos Pequenos. Porque, embora por seus estudos homem de leis, e habituado a falar de Bacon, Coke, Noye e Finch como de colegas profissionais, as exigências desta nova terra tinham feito do Governador Bellingham um guerreiro, além de estadista e governante.

A pequenina Pearl, que tanto gostou da brilhante armadura como tinha gostado da frontaria luminosa da casa, esteve algum tempo a espreitar para dentro do espelho polido da couraça.

— Mãe — disse ela — estou a ver-te aqui. Olha! olha!

Hester olhou, para fazer a vontade à criança; e viu que, em virtude do efeito peculiar deste espelho convexo, a letra encarnada se reproduzia nêle em proporções exageradas e gigantescas, de modo que ficava sendo, de muito, a parte mais saliente da sua figura. Parecia que ela própria ficava escondida por detrás da letra. Pearl apontou para cima, para um reflexo semelhante no capacete, sorrindo à mãe, com aquele ar de travessa espreiteza que era expressão tão familiar em seu pequenino rosto. Esse ar de alegria maliciosa reflectia-se também no espelho, com tal largura e intensidade que Hester Prynne teve a impressão de que não podia ser aquela a imagem da filha, mas sim de algum pequeno ser demoníaco que buscava ajustar-se à forma de Pearl.

— Vem, Pearl — disse ela, afastando-a. — Vem ver este jardim tão bonito. Talvez ali se vejam flores muito mais lindas que as que se encontram nas florestas.

Pearl correu para a janela de arco que havia na outra extremidade do vestibulo, e, olhando para fora, viu defronte de si uma alea do jardim coberta de relva cortada e ladeada de algumas rudes e malogradas tentativas de paredes de arbustos. Mas o proprietário parecia ter já cessado, por infrutíferos, os seus esforços para perpetuar deste lado do Atlântico, num solo duro e no meio da luta constante pela subsistência, o innato amor inglês à jardinagem ornamental. Ali mesmo, bem à vista, cresciam couves, e uma trepadeira de abobora, enraizada um pouco além, tinha galgado o espaço intermédio, e depositado um dos seus produtos gigantescos exactamente por baixo da janela do vestibulo, como a avisar o Governador de que este grande monte de ouro vegetal era um dos mais ricos ornamentos que a Nova Inglaterra lhe podia oferecer.

(Continúa.)



## DON RAMON DEL VALLE-INCLAN

## FALA À «ILUSTRAÇÃO»

**D**ON RAMON DEL VALLE-INCLAN—Don Ramon, como lhe chamam até os seus dilectos amigos, colocando na sala sem biombos da intimidade do escudo do respeito—é hoje a figura mais prestigiosa da Espanha intelectual.

Escritor para elites, nunca sujeitando a sua pena a um capricho ocasional ou a uma contingência da vida, e antes mantendo sempre uma nobre elevação literária, a sua arte dir-se há uma voz do passado atravessando o túnel dos séculos para vir ecoar, plena de música e de originalidade, na nossa época.

Ele mesmo confessa essa frescura contemporânea do seu espírito, essa frescura que há sobre as águas mui profundas, e essas raízes que a sua obra deita, como roble gigantesco, na terra da arte remota, quando escreve a sua auto-biografia em «La Lampara Maravillosa»:

«Pensei que estando solo podia ser mi voz más armoniosa, y fui a un tiempo árbol antiguo, y rama verde, y pajaro cantor».

A sua chegada as letras castelhanas teve a anunciá-la as trompas dos percursores e em breve a sua arte dava à arte espanhola novas orientações—e em seu redor aglomeravam-se os discípulos e até seu largo chapéu teve imitadores e fez moda nos círculos intelectuais...

Hoje, glorioso, nobremente glorioso porque não deixou que o seu nome levasse o ferrete de nenhuma academia; com o espírito cheio de vivacidade, apesar do rosário dos anos e do peso dos louros que aos outros dão entorpecimentos cerebrais, Don Ramon é um Mestre—o mestre menos discutível da sua pátria.

Fidalgo que passa o verão num palácio da Galiza, cujo ambiente por vezes os seus personagens respiram, é em Madrid que ele vê esgotarem-se, nessa austera ampulheta que figura junto a um mui conhecido retrato seu, os dias frígidos de inverno. E sua aristocracia, sua transcendente aristocracia intelectual, é pautada, contudo, por uma fraternidade literária que vai mais além da democracia, quando alta noite ele preside, rodeado de amigos e de jovens admiradores que o escutam silenciosamente, à sua «tertulia» no café «La Granja».

E foi ali que uma madrugada mo apresentaram.

E essa voz que na sua obra tem um som mui antigo, sons eternos, na vida possui uma rara juventude, uma mocidade que se dir-se há inextinguível, como se o seu cristal, de puro, seja invulnerável ao bafo dos anos.

É uma voz amiga, que fala de Portugal carinhosamente, elogiosamente.

Tomo parte na «tertulia» e já na visinhança da manhã, Don Ramon, que mantém perante as horas, as pantufas, as academias e o comodismo das glórias comuns, uma atitude de rebeldia, marca-me uma cita no Ateneu—para falarmos mais intimamente, para realizarmos esta entrevista...

—Se eu não estiver nas salas, mande um *botones* chamar-me, porque eu moro no próprio edificio do Ateneu...

De facto, na tarde desse dia, um petiz vai à parte nova do Ateneu prevenir Don Ramon da minha presença ali.

Alguns minutos apenas se esvaem e logo surge a estranha figura do Mestre—uma capa forrada a vermelho, um largo chapéu, as barbas, os óculos a vedarem aos profanos alguns sorrisos de puerilidade que os olhos têm e a sua única mão, aristocrática, quasi mão de Greco, quasi marfim velho, a estender-se para mim...

Vamos sentar-nos ao fim do corredor, lugar predilecto de Don Ramon—junto a uma mesa onde se serve café.

A entrevista é arbitrária, porque eu, quando viajo, levo maletas na rede do comboio, e não perguntas na algebeira...

Conversamos. D. Ramon é dos escritores espanhóis um dos que conhece bem, mesmo muito bem, a nossa literatura. Juízos muito seguros sobre Junqueiro, Eça, Eugénio de Castro, Camilo, Fialho, Raul Brandão, Teixeira de Pascoas...

Depois, numa noção exacta das idades e dos novos valores:

—E Aquilino Ribeiro?

Informo-o mais detalhadamente sobre este escritor, cuja obra ele não ignora e para a qual tem palavras de aplauso.

Fala-me, a seguir, de Coimbra, das nossas paisagens, admiradas por ele, quando desceu da Galiza até Lisboa—inocentemente.

E depois deste passeio através de Portugal, reentramos em Espanha, na arte espanhola contemporânea...

Vem o teatro, que Don Ramon conhece em todos os seus detalhes, embora se afaste, por natural orgulho de personalidade, dos mesquinhos convívios de bastidores. Grande número das obras deste autor tem sido representadas,

Don Ramon, porém, sobre a scena espanhola contemporânea é pessimista:

—As coisas mais atrasadas em Espanha—diz—são o teatro e a politica...

E com ironia, com duplo sentido:

—Atribuo isto à distribuição dos personagens, que é má...

Cita um nome glorioso:

—O teatro espanhol, hoje, tem apenas a Benavente.

—Quem lhe parece encarnar o génio dramático contemporâneo?

—Bernard Shaw.

—E Pirandello?

—Pirandello tem sempre os mesmos «trucs»...

Interrogo Don Ramon sobre o «esperpento», que, sendo quasi um sinónimo de tragédia-farça, é, contudo, uma criação valleinclanesca.

—Eu lhe digo: os personagens verdadeiramente dramáticos, os que levam na alma trágicas angústias, são perante a vida comum quasi grotescos, ridículos. Dariam uma farça e não uma tragédia. Mas as exteriorizações da farça fariam perder os elementos dramáticos interioristas...

Com os meus «esperpentos» penso ter realizado a junção, dentro da minha estética, dessas duas coisas antagónicas, criando uma terceira—uma porta por onde se veem as convulsões da alma e os gestos do corpo...

Ao contrário de Unamuno, que afirma só ter compreendido a música na ilha Fuerteventura, há dois anos e já em plena velhice e exílio, Don Ramon é entusiasta por composições musicais e de música está feita a sua obra, estão feitas as suas *Sonatas*, que são lápides eternas cinzeladas no pórtico das quatro estações do ano—dos anos que já passaram e daqueles que há de vir.

—Eu tenho—afirma ele—uma pontuação individual, fóra de todas as regras, para que a minha prosa seja mais rítmica, mais musical. Porque a música é a Arte Suprema; vai até onde a palavra não chega e está muito além de todas as coisas novas.

—A propósito: qual é a sua atitude ante as novas revelações da Arte?

—De expectativa... Não podemos avaliar justamente as manifestações modernas, porque não sabemos ainda se dentro do seu campo elas estão bem ou não... Se lemos um romance naturalista, facilmente concluímos: «dentro do naturalismo, este livro é bom ou mau»... O mesmo com quadros feitos sob os antigos processos. Mas quem poderá dizer que um quadro cubista está, dentro do cubismo, bem ou mal feito?

Interesso-me pela opinião de Valle-Inclan sobre a literatura espanhola.

—A nossa literatura contemporânea vai felizmente furtando-se às influências estrangeiras, principalmente à francesa, que durante certos períodos aqui predominou fortemente... Caminhamos para uma emancipação intelectual colectiva e hoje, mais do que nunca, a nossa literatura procura criar um sentido rático, quer dizer: uma personalidade à parte, como tem a literatura russa. E dentro da poesia lírica, então, é este o momento em que temos melhores poetas, poetas mui individuais e cheios de carácter espanhol.

Faz-se um pequeno silêncio. Silêncio de expectativa para o *botones* que foi buscar os livros que Don Ramon deseja oferecer-me. Mas o petiz demora-se e então o meu interlocutor, com o seu perfil de feiticeiro, com a sua voz clara, cristalina, plena de sonoridades, começa a recitar alguns versos amigos...

E quando termina, pergunta-me, sorridente:

—Conhece esta poesia? Antigamente sabia muitas de cór, mas com o tempo fui-as olvidando...

Eram versos de Junqueiro, versos de «Os simples»...

FERREIRA DE CASTRO.



*Este gran Don Ramon, de las barbas de chivo, Cuya sonrisa es la flor de su figura, Parece un viejo dios, altanero y esquivo, Que se animasse en la frialdad de su escultura.*

RUBEN DARIO.

sem que nenhuma delas, porém, assinala uma transigência ante o gosto da maioria, pois o público das obras de Don Ramon é sempre um público selecto, mas que vibra, como esse de Lisboa, que em São Carlos viu Mimi Agulha interpretar «La Cabeza del Bautista», ante os «esperpentos» valleinclanescos.





## A CASA PORTUGUESA

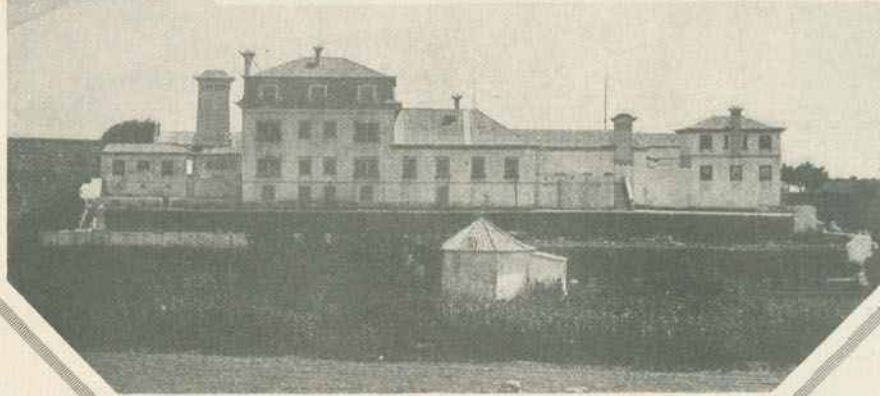
TÔRRE DA  
GUILHA

GUILHA SIGNIFICA SEARA E É O NOME ANTIGO DESTA QUINTA SITUADA PERTO DO ARNEIRO NO CONCELHO DE CASCAIS. FUNDADA PELA FAMÍLIA FALCÃO, OU FREIRE DE ANDRADE, ANEXADA DEPOIS AO MORGADO DOS CONDES DE CAMARIDO, TINHA A PARTE URBANA COMPLETA-

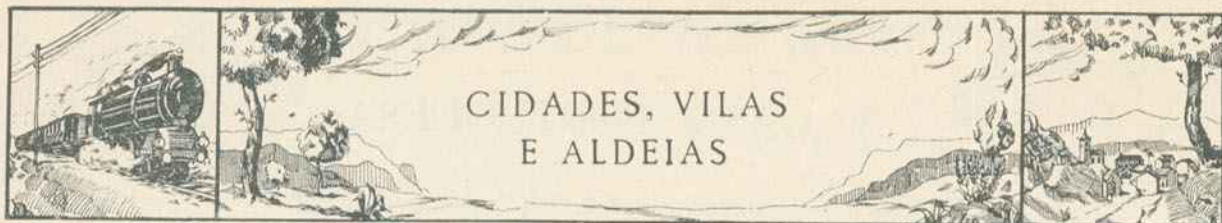


MENTE ABRUINADA QUANDO HÁ POUCOS ANOS FOI ADQUIRIDA PELO SR. ROBERTO NORTON. NA SUA RECONSTRUÇÃO FOI APROVEITADA A DISPOSIÇÃO GERAL DA PLANTA, TENDO SIDO RESPEITADAS TAMBÉM AS CARACTERÍSTICAS DO ESTILO

ARQUITECTO — GUILHERME REBELLO DE ANDRADE







## CIDADES, VILAS E ALDEIAS

### MONTEMÓR-O-NOVO

É uma das mais populosas e importantes vilas alentejanas, cuja vida beneficiou imenso com a construção do ramal ferroviário que a liga à rede do Sul e Sueste, iniciativa essa que muito honra o brio e o espírito progressivo dos seus habitantes, pois a sua exclusiva custa foi realizada. Com extensos montados

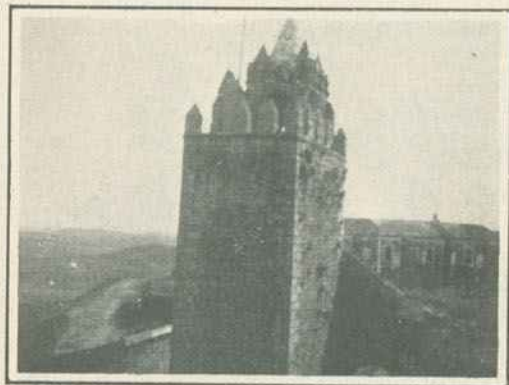
como motivo ornamental, o esgraffito, processo de pintura imitando o baixo-relevo, outrora muito usado.

A vila estende-se pela encosta suave duma eminência que uma torre coroa, torre chamada do relógio. Em longeva época cingiam-na as muralhas do Castelo, edificação que hoje apresenta a decrepitude proveniente dos sete séculos que lhe passaram já por cima. A casaria depois deramou-se quasi toda para fora do seu âmbito. Da velha fortaleza de D. Sancho I só existem hoje, um aqui, outro além, lanços desmantelados. Essas ruínas, todavia, tribuem nobreza a Montemor-o-Novo, onde no tempo de D. João II, o maior rei português, se desenvolveram grandes acontecimentos históricos.

Se lhes não dão realce a policromia e a variedade das suas



Montemor-o-Novo — Vista da Ribeira, junto ao moirão da Abóbada



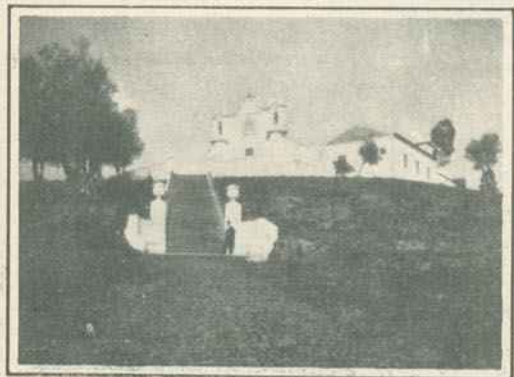
Montemor-o-Novo — A torre do Relógio

ao seu redor, a carne saborosa do seu gado estreme constitui um dos primeiros elementos da sua riqueza. A cortiça, a lenha e, também em saliente lugar, o azeite dos seus generosos olivais, completam-lhe a prosperidade. Assistir a qualquer das suas feiras, seja a de Maio loução, seja a de Julho ardoroso, seja ainda a do Setembro evanescente — datas das mais concorridas — é observar um espectáculo bem curioso pelo seu pendor assim como pelo seu carácter demonstrativo do desfogo económico do concelho.

Não há na povoação gulas artísticas. Modesta é a arquitectura dos seus edifícios, mesmo as igrejas. Mas nas moradias há manifestos sinais de conforto. Soprattutto, não lhes falta o esplendor da cal, cujo prodígio emprego, indicando asseio, é peculiar da gente do sul. Em bastantes das suas fachadas ainda se encontra,



Grande Hotel Guadiana



Arredores de Montemor-o-Novo — A Igreja da S.ª da Visitação

culturas, os seus campos possuem, todavia, uma beleza especial, essa beleza feita de doçura e de melancolia que é privativa da provincia. Pode-se mesmo apontar-lhes como um dos quadros mais típicos da paisagem.

Montemor-o-Novo tem arredores formosos. Um deles é a Igreja da Senhora da Visitação, situada no cimo dum morro, a três quilómetros da vila. Graciosa na sua simplicidade, acolhedora na alvura das suas paredes muito caiadas, efectua-se nela todos os anos uma romaria que atrai grande número de devotos. As promessas que a Virgem orago do templo inspira são copiosas e da sua quantidade colhe-se sugestiva nota na multidão de

### VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

GRANDE HOTEL DO GUADIANA

O Algarve, que se passeia todo num dia, da foz do Guadiana à ponta de Sagres, não tinha um hotel, um hotel moderno, confortável, digno do homem civilizado dos nossos dias. Frequente era ouvir as queixas do turista, que, agradado do clima, da incomparável luz algarvia, da terra pitoresca, não tinha onde repousar convenientemente, ao fim de um dia bem passado. Devido à iniciativa do industrial sr. Manuel Ramires, aí ergue-se finalmente a sua fachada senhoril sobre o Guadiana, face à deslumbrante Ayamonte. Nunca mais a estalagem algarvia, sempre problemática, meterá medo aos forasteiros. Nunca mais haverá desculpa para todo o português, que se preze de conhecer a sua terra, de ignorar esse extremo e adorável rincão do antigo reino dos Algarves.





## A VIDA NOS SUB-MARINOS

Os repetidos desastres que tem sofrido a aviação devem ter afastado da carreira de aviadores todos quantos não possuíam uma alma bem temperada, liberta dos pavores da morte. Os aviadores correm, porém, seus perigos no livre espaço, à luz do Sol, numa plenitude de vida que é como uma apoteose. Já o mesmo não sucede a quem embarca nos sub-marinos. Corre também seus perigos, contra alguns dos quais não tem a menor defesa, encerrado numa prisão de aço, no silêncio e nas trevas

tempo de guerra, e mesmo em tempo de paz quando os homens se exercitam para matanças futuras, os sub-marinos trazem torpedos. Além dessa companhia inquietante, a equipagem viaja também com garrafas de ar comprimido, munições de combate ou exercício e acumuladores elétricos. Explosões de qualquer destes engenhos têm destruído alguns sub-marinos.

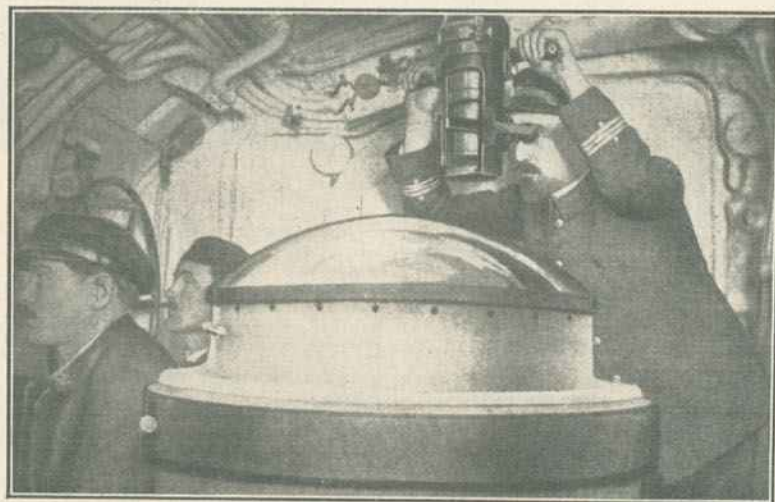
Os maus encontros podem também ser de vários ordens. No «Nautilus» sonhado por Júlio Verne havia largas vidraças através as quais se via passar a riquíssima fauna marinha. Nos verdadeiros sub-marinos não há tal disposição

tornando possível que o sub-marino suba à superfície do mar. Se isto se não consegue aproveitando os reservatórios de ar comprimido, resta o recurso de alijar algumas toneladas de chumbo que o sub-marino traz também consigo e que caem pelo simples movimento de uma alavanca. Se com este processo se não obtém resultado, o sub-marino pode considerar-se perdido.

Tenta-se então salvar os tripulantes. Usou-se uma canôa ou flutuador destacável, fechado, exterior ao sub-marino e comunicando com este por uma corrediça. A equipagem refugia-se no flutuador, fecha a corrediça e destaca aquele do corpo do sub-marino. Infelizmente a rapidez das catástrofes quase nunca deixa empregar este último recurso. Outro processo, o do escapando individual, permite que o tripulante seja arremessado rapidamente à superfície. Expõe a acidentes graves pela brusca mudança de pressão que resulta duma ascensão demasiadamente rápida.

Os progressos que a humanidade realizou nos últimos anos são, em verdade, maravilhosos; mas a sua resultante, pelo que respeita à economia de vidas, não deve ser de importância notável: Porque enquanto uns procuram dar combate a doenças contagiosas e melhorar as condições higienicas sociais e individuais, outros se empenham em trabalhos de efeito contrário. Aos inventores dos gases asfixiantes, que lugar daria Dante no seu «Inferno», se os conhecesse?

F. MIRA.



Comandante de submarino observando com o periscópio

dum verdadeiro tumulto. Em cada submersão pode supor que a despedida que fez do Mundo o terá sido para sempre.

Os sub-marinos estão sujeitos a desastres de várias ordens, uns devidos a maus encontros, isto é, a causas externas, outros tendo origem no próprio sub-marino. Um destes perigos internos consiste no mau funcionamento de tubos e torneiras com que se fecham as aberturas do sub-marino ou em qualquer descuido do pessoal encarregado de velar por essas aberturas. Cada uma delas está a cargo dum homem que, a chamada do comandante, precedendo a imersão, deve responder — *fechado*. Mas se a ordem não é bem cumprida, ou se qualquer desarranjo não permite que bem se cumpra, a água inundará o sub-marino.

Grave perigo é também o das explosões. Em

Apenas o comandante vê, com o seu periscópio, não as coisas submersas mas as que se elevam sobre o nível das águas.

Durante a guerra, vários sub-marinos foram destruídos por minas que encontravam no seu caminho, e ainda hoje é possível esse terrível encontro. O sub-marino pode também chocar contra rochedos, particularmente quando navegue próximo do fundo do mar, ou contra destroços de navios submersos.

Os recursos de que dispõem as tripulações são escassos. Tem-se a bordo grandes garrafas de ar comprimido, repartidos em três grupos, respectivamente na vanguarda, no centro e a retaguarda. Estes reservatórios de ar podem comunicar com a parte superior dos reservatórios de água, de modo que, realizada esta comunicação, é expulsa uma grande porção de água

## A ATLÂNTIDA

Os sábios modernos têm-se esforçado por apresentar argumentos que confirmem ou neguem a existência dum antigo continente situado no Atlântico, entre a Europa e a América. Recentemente foi indicada em abono da existência da Atlântida a comparação entre as enguias americanas e as europeias.

A desova de umas e de outras faz-se na primavera, nas águas mornas do Mar dos Sargãos. As larvas dispersam-se. As que tomam o caminho da Europa acabam a sua metamorfose pelos três anos de idade e entram à foz dos rios espalhando-se pelos ribeiros, lagoas e pântanos. 4 ou 5 anos depois sentem o irrepresível desejo de voltar ao Oceano, aquele mesmo Mar dos Sargãos onde nasceram e onde vão desovar. Assim procedem também as enguias da América, sendo porém mais rápida a sua evolução. Diz-se então que a enguia é, por ventura, um peixe da antiga Atlântida hoje submersa, e que, faltando-lhe por motivo dessa submersão os rios em que vivia, teve de ir procurar água doce aos continentes distantes.





Anjos Teixeira — Busto de Norte Junior.

## ARTES E ARTISTAS

A 23.<sup>a</sup> EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS-ARTES

O excesso das exposições individuais, onde quem quer se arvora em artista antes de o ser, e a predileção pelos isolamentos, favorecentes ou comprometedores, têm cerceado a abundância e a concorrência que deveriam afluir, em campo aberto, à parada anual de pintores e escultores, que a Sociedade Nacional de Belas-Artes organiza.

Com as quebras de solidariedade, que caracterizam a nossa época parcelária, acontece, mais ou menos, em toda a parte, não haver a excelente concórdia artística, que fazia das exposições periódicas pontos de reunião geral, a que um artista se julgaria decaído ou prejudicado, se faltasse.

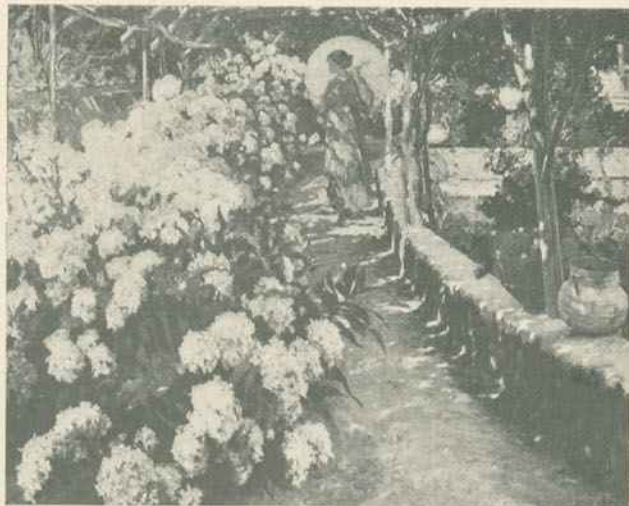
Só se faziam, dantes, exposições individuais dos artistas que atingiam esse máximo grau de glória, que é morrer. Os vivos, porém, e até os que mal engatinham, deram em ter inveja aos mortos, e, usurpando-lhes essa honra especial, desataram a considerar-se tão mortos, quero dizer tão gloriosos, como eles, e criaram gosto pelas barraquinhas à parte, em que sucede verem-se coisas excelentes, mas para onde calha verterem, às vezes, as limpezas dos ateliês.

Para expor individualmente, sem competidores, ou para expor colectivamente, sofrendo confrontos, o que importa é ter talento, ou, quando menos, saber pintar. Não nos preocupemos, pois, demasiadamente com a mania das exposições solitárias, nem com a crise das exposições de toda a gente a que o júri abre a porta. É uma questão de moda, que só tem de perigoso poder o mais analfabeto dos mamarracheiros improvisar-se em expositor de contra-

bando, sem ninguém lhe pedir contas, a não ser o proprietário do salão.

A exposição, agora aberta na Nacional, tem de simpático a convivência de artistas de muito diversa índole e altura, sem qualquer ar de compadrio ou irmandade. Há bom e mau, claro está—nem para outra coisa as exposições se inventaram!—mas, salvo excepções mínimas, predomina, mesmo nos mais fracos, uma louvável honestidade de processos.

Dos mais consagrados, estão Salgado e Malhó. Salgado tem dois quadros, em que procura ser do nosso tempo: *No jardim*, uma página de mulher entres flores, e *O Tanque da Várzea na primavera*, muito verde e muito amarelo. Malhó, esse, fez à S. N. B. A. o favor magnânimo de consentir que lhe acumulassem numa divisória apertada trabalhos que bastariam para dar lustro a uma sala. Chega a condoer ver belas coisas, carecidas de destaque, sobrepostas-se



José Malhó — Hortenses

tão prejudicialmente. Só a evidente falta de espaço explica o apêto. Se há até molduras que se acotovellam!

Como espelho de vibrações solares, o quadro do Mestre de Figueiro, e lá pintado, *Hortenses*, é dos momentos culminantes da arte do autor. Há luz e cor, sol e semi-sombra, nessa visão estridula de azul, em que a figura, de amarelo, é uma flor a mais, de sorninha aberta. Já o conhecíamos do ateliê do artista. O público, porém, se quiser desencardir a vista emdoada, deve ir ver como é possível molhar os pincéis na claridade, e pôr a arder e a reverberar um pedaço de tela esticada.

Do monte, Malhó desceu ao mar. É da *Praia das Maças*, e dos pintores, o seu outro grande quadro, *A Beira-Mar*, cheio de maresia e colorido, na varanda do hotel, à hora em que as espumas são mais brancas e os lábios femininos mais vermelhos.

É ainda o sol, o Sr. Sol, muito das relações do mestre ilustre, seu discípulo, quem faz, lampejando em seda encarnada, as honras do luminosíssimo *No Jardim*, que são duas cabeças de mulher sob um reflexo enrubescente.

O *Remédio* é diferente. Luz a despedir-se, paisagem a recolher-se, e uma camponesa, acoada, duvidosa e ansiosa de chegar a tempo com a mezinha, que tardou a aviar longe, para o doente do seu coração. A nota sentimental, com bom cenário, que já de outras vezes—recordarei *O Emigrante*,—Malhó tem ferido, contrapondo a serenidade da natureza à tortura das almas.

No *Esperando o almoço*, pintado no souto de castanheiros bravos da Quinta de Cima, em Chão do Couce, há um tipo de lenhador agorilado, capaz de fazer as delícias dum antropólogo. Estupendo de verdade animalesca o homenzarrão pitecoide!

São também de Malhó, além de outros, dois ótimos retratos a pastel, dos quais, pela figura e pelos tons, o n.º 245 é formoso.

Apertado no seu biombo, Malhó toma, ali, um tal lugar, que se torna difícil escolher um



José Malhó — A Beira-mar



pintor a seguir; se bem a ordem dos factores seja aqui arbitrária.

A esquerda do triunfador, está Carlos Bonvalot, com o seu lindo quadro *Primavera*, delicado de tons, doce à vista — primaveril, numa palavra — que ofusca os restantes. *As Orfãs* é vigoroso. *Efeito de luz*, banalíssimo.

Ortigão Burnay deu a esta exposição uma obra que marca na sua desigual maneira, um pouco a superfície, muita sinceridade e penetração. É o *Retrato de minha mulher*, feito com escrupuloso carinho e com um fino ar de intimidade consciente, que sabe o que o modelo está pensando. Fugindo, em virtude do tema, às suas, por vezes, carregadas excentricidades, o pintor não procurou efeitos. Foi discreto e cheio de distinção. Pena é que o contraste — esse procurado — entre o tom claro do cabelo e o negrume do fundo, pouco recuado, adicionasse à cabeleira um escuro prolongamento, ou toucado indecifrável. Fácil de amortecer, este senão incomoda o observador, mas não amesquinha a obra, muito apreciável.

Outro retrato de senhora, mais elogiável pela mancha do que pelo traço, é o de *Mme S. N.*, de Mário Augusto.

Como auto-retrato, é de citar o de Emérico Nunes, designado como «estudo». Do mesmo artista, é o n.º 113, *Trecho da vida de Sines*, um dos quadros mais equilibradamente modernos da exposição, onde o modernismo, pouco representado, só tem de registável, que me lembre, o quadrinho humorístico, *Les Fleurs*, de Jorge Barradas, a quem pertence igualmente uma clamorosa *Lavadeira*.

A transição do lápis para a tinta não se faz sem demorada porfia. Enchendo os planos de um só tom, obtém-se o cartaz mas não se realça o quadro. São, por isso, mais cartazes do que retratos os trabalhos de Eduardo Malta, desenhista em evolução, apresenta com os n.ºs 85 a 87.

Fernando dos Santos, que é um trabalhador progressivo, tem coisas estimáveis. O *Colar de pérolas*, estudo de nú, é galante, em seus matizes opacos.



Carlos Bonvalot — Primavera

Martinho da Fonseca, desta feita, não brilha muito. É bom o desenho de Almeida Moreira; mas, no *Bailado*, modelo e posição desagradam. *Aves raras*, rebuscado; tem pinceladas carinhosas.

Joaquim Costa trouxe um único trabalho, consciencioso: *Repouso* — uma scena de ateliê.

Há mais óleos, de outros nomes, José Campas, Adriano Costa, Serra da Mota, Servando Benedito, Lacerda, Cristino, Romero, Abel Santos,



Ortigão Burnay — Retrato de minha mulher

Capucho, Pedro Guedes, Coutinho, etc. Impossível seria falar de todos.

Os escultores que expõem, sempre em menor número, são Costa Mota, António da Costa, Anjos Teixeira, Vaz Junior, João Silva, Henrique Moreira, Suzanne Laurens, César Barreiros, Esteves de Carvalho, João José Gomes e Armando Mesquita.

Anjos Teixeira, a frente de todos, modesto e forte, tem um trabalho admirável no *Busto de Norte Junior*, de modelado e linhas magníficas. Outro busto é o de Jóllo Silva. No *Cais* é mais uma das figuras de varinas, com que o vigoroso escultor gosta de documentar certas atitudes do trabalho ribeirinho das peixeiras.

*Cabeça de estudo* é dos melhores mármores de Costa Mota.

O *Busto de Camilo*, em madeira, de César Barreiros, é muito bem cortado.

João Silva mandou dois campinos em bronze, *Campino a cavalo* e *Campino a pé*. Este último, embulhado na manta e fincado no cacete, é uma bela estatueta.

Vaz Junior retratou o arquitecto Alvaro Machado e um busto de senhora.

De Henrique Moreira, há uma *Cabeça de Cristo*, e figuras rústicas: *Homem do arado*, *Cefeiros*, *Vindimadores*.

Não conhecíamos António da Costa, bastante desigual, e ainda indeciso. A *mulher com um cacho de uvas* é de uma estilização elegante. O busto de *Senhora francesa* e a máscara de Claudio Carneiro têm certas qualidades, que faltam nos outros, de Virginia Victorino e Olga Sarmiento.

Francisco dos Santos, ausente.

Na aguarela, a representação é escolhida.

Alves de Sá fixou, com a sua segurança habitual, dois trechos da Quinta do Marquês de Pombal, em Oeiras, um *Casal soloio*, e um florido *Portão de velha Quinta*.

Paulino Montez assina duas aguarelas de

Londres e uma de Versalhes, muito finas, bem como *A Fortaleza da Berlenga*, digna de nota. As suas duas vistas panorâmicas de Lisboa, trabalhosas e certas, são obra mais do arquitecto que do pintor.

Na Amarante, de S. Gonçalo, colheu Leitão de Barros alguns aspectos, da ponte e da igreja, sendo do mesmo artista o n.º 171, que o catalogo chama *No Alto Douro*.

Martins Barata foi buscar a Nazaré certos trechos felizes da vida da praia: *O Mercado do Caranguejo*, *O Lago*, *Manhã na praia*.

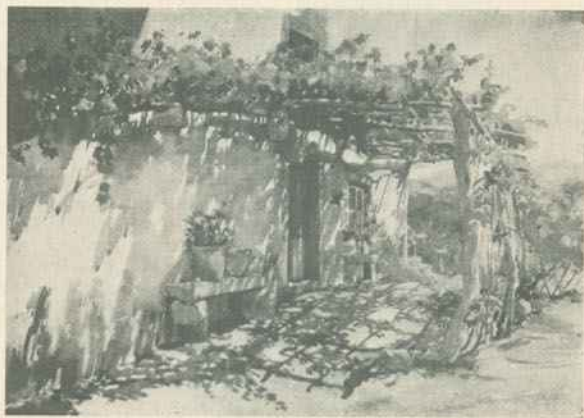
São de louvar os progressos que Alfredo Moraes vem fazendo, como aguarelista de arte. O n.º 212, *Jardim de Queluz*, e sobretudo o n.º 213, *Recolhendo o molico*, são dois bons trabalhos. No retrato n.º 209, há que apreciar.

Nas obras trazidas pelos restantes aguarelistas, Assumpção, Baptista, Cristino da Silva, Eduardo Leite, Oliveira Marques, João Marques, Jorge Pinto, Romero e Dias Sanchez, haveria que destacar alguns números, se houvesse mais espaço.

Na secção de Architectura, expõem Norberto Correia e Francisco dos Santos, dois bons nomes.

Há, mais, um *Jaçigo para Ana Plácido e seus filhos Jorge e Nuno*, destinado a Seide, e projecto de Jorge Segurado.

Nas Artes decorativas, o único expositor é César Barreiros, com uma moldura Luis XVI.



Leitão de Barros — Aguarela

Por esta modesta representação, vê-se, magoadamente, como andam ao desamparo, por falta de gosto e de dinheiro, as artes da casa e do seu embelezamento, para cujas rudimentares necessidades bastam, por cá, os mestres-de-obras e os lojistas de moveis.

Não é, certamente, brilhante em excesso a 23.ª Exposição anual das Belas-Artes; mas, no nosso tempo de indiferenças e preocupações, os artistas são dos mais sacrificados.

Há, até, que lhes agradeça a teima benemérita de continuarem produzindo para uma sociedade que lhes volta, de freguente, as costas.

Em poucos países, a arte vive tão abandonada como em Portugal, na hora incerta do presente, sem a serenidade indispensável e convidativa ao trabalho da beleza.

Bem sei que as circunstâncias, por mais atenuantes, não podem servir de desculpa às falhas e aos aleijões.

No entanto, mais que nunca, os artistas a valer merecem ser encorajados e tratados com o respeito devido a quem, entre desanimações de toda a ordem, não desfalece, nem desiste — heróicamente.

MANOEL DE SOUSA PINTO.





# Livros e Escritores



**S**e, paraíso daquelas pessoas comodistas que estimam ter ideias linearmente definidas sobre a vida intelectual, circumscrevendo a sua faculdade admirativa a meia dúzia de nomes, este com a primazia no romance, aquele na poesia, o outro na arte dramática, e assim sucessivamente,



Virginia de Castro e Almeida

correndo de enfiada todas as modalidades literárias, quiséssimos eleger um nome como indicativo do da maior escritora portuguesa do nosso tempo, — sem um instante de vacilação sequer, com firme e pronto sentido de justiça, a nossa pena traçaria o da sr.<sup>a</sup> D. Virginia de Castro e Almeida. Esse lugar cimeiro na hierarquia das letras femininas de sobra lhe compete, e não há já ninguém que, olhando a elevada soma das suas obras de apurada forma e de invulgar nobreza de pensamento, tenha ânimo de lho impugnar.

Pela surpreendente multiplicidade de temas a que tem prendido o seu espírito ágil, pela justeza da sua visão crítica, pelo cunho liberal das suas ideias, pela vastidão de horizontes que a sua curiosidade mental procura dia a dia alargar ainda mais, pelo alto expoente educativo que caracteriza sempre os seus escritos, e até pelo tom, a um tempo vigoroso e delicado, elegante e brando sem deixar de ser sóbrio, do seu estilo, — a robusta organização da sr.<sup>a</sup> D. Virginia de Castro e Almeida bastas vezes nos evoca a doutra insigne mulher de letras que, embora já no gélido seio da morte, conserva ainda bem erguida na nossa memória a sua excelsa figura e bem dentro do nosso apreço os seus numerosos e belos livros: Maria Amália Vaz de Carvalho, o espírito gentil das *Cartas a uma noiva*, e do *Duque de Palmela*.

Tal paridade não peca por arrojada, e tanto assim é que, em hora não distante, a douta

Academia das Ciências no-lo confirmará solenemente, outorgando à muito ilustre romancista da trilogia *Terra Bendita*, *Trabalho Bendito* e *Capital Bendito* a sucessão no *fauteuil* que Maria Amália, pelos seus invulgares méritos, ali ocupou.

Ao mesmo tempo que, pondo a sua actividade ao serviço da grei, nos mantinha ao facto dos momentosos problemas debatidos na Sociedade das Nações, através de lúcidas crónicas que a imprensa da capital estampou em lugar de honra, e que, em serviço à colectividade não menos saliente nem menos proveitoso, promovia o ingresso de Portugal no importante movimento das Uniãos Intelectuais, de tamanho alcance para a expansão da cultura, — D. Virginia de Castro e Almeida ia apressando um novo volume da sua bela prosa, com cujas páginas agora consumimos aprazivelmente uma boa hora de leitura.

*Contos de Portugal*, eis o título dessa recente obra da grande escritora, título que bem lhe denuncia a natureza do teor: contos gizados sobre motivos populares, reflectindo, portanto, a feição psíquica da gente dos nossos campos. Revelando um exacto conhecimento do meio rústico e das preocupações dos que o povoam, no seu cego amor à terra, donde, por processos rotineiros, extraem o pão, na sua abastardante obediência ao fidalgo e ao padre, nas lutas de fero ciúme das suas paixões, no seu humilde heroísmo cotidiano e nas pequenas torpezas e misérias das suas almas frágeis e da sua carne pecadora, a novelista forte da *Praga* e da *Fé* doou-nos neste volume quatro formosos quadros provincianos, excelentes no colorido e no desenho, cujos cenários são, respectivamente, na *Dona Sylvia*, na *Rosa* e no *Fidalgo de Val-de-Máguas*, o de Trás-os-Montes, e no *Lobishomem* o das fartas várzeas da Beira-Baixa.

Ora entoando um hino à pulcritude da terra portuguesa, ora sublinhando a treva supersticiosa e servil em que permanece mergulhado o nosso aldeão, do que serve de exemplo típico o episódio da *Dona Sylvia*, mal olhada pelo povo por não se sujeitar ao despotismo do devasso fidalgo seu marido, a autora dos *Contos de Portugal* fez, aqui, simultaneamente, obra de arte, obra de estudo social e obra de arquivo folclórico, isto tudo em uma linguagem que tira o seu maior valor expressivo da espontaneidade com que foi traçada.

A começar pelo título, desprende-se do livro *Últimas Canções* da sr.<sup>a</sup> D. Branca de Gonta

Colaço um melancólico tom de despedida e de renúncia.

*Agora desce a noite escura e fria,  
e cessa o canto para nunca mais.*

diz a ilustre poetisa no soneto com que abre o volume, colocado ali à maneira de exegese da natureza do seu conjunto. Depois, no soneto *Ao silêncio*, a mesma nota soa:

*.....  
Agora sei, Silêncio, que me esperas...  
túmulo obscuro num areal perdido,  
eterno esquecimento merecido  
das minhas pobres, fluidas quimeras.*

*Entrego-te o meu nome, a Esperança, o enleio  
de tantos sonhos que sonhei, dispersos,  
e bem depressa o tempo consumi.*

*Não te quero ignorar, nem te receio;  
— e não tenho ilusões sobre os meus versos:  
são saudades da alma que os sentiu.*

Se é uma das mais raras virtudes, em qualquer modalidade da arte, saber o artista retirar-se a tempo e emudecer na hora própria, poupando-se a si próprio e aos seus admiradores o triste espectáculo do declínio das suas faculdades, parece-nos bem que a sr.<sup>a</sup> D. Branca



Branca de Gonta Colaço

de Gonta Colaço, a poetisa tão festejada das *Matinas* e da *Hora da Sesta*, se precipitou nessa decisão. Quem escreve ainda versos de tão palpitante ternura e de tão perfeito acento melódico como os que enchem este livro, não está, não pode estar perto do extremo da sua jornada no país belo da poesia. Um excessivo



escrúpulo a levou tão cedo a traçar o seu testamento, que todos nós, desde longe habituados a apreciar o seu alto talento, iremos pôr de remissa, certos de que amanhã ou em ocasião bem próxima as tintas crepusculares, a nosso ver transitórias, hão-de libertar-lhe o espírito, para sobre ele fulgir de novo o sol, como, aliás, a poesia seguinte, que extrairmos das *Últimas Canções*, consoladoramente nos permite esperar:

SOL. AINDA...

*Sim, sim,—novas canções:—Se é velha a vida,  
é sempre moço o amor que a perpetua;  
moço o prazer que em cada afago estua,  
e moço o ardor da renovada lida.*

*No velho mundo, ao velho sol, à lua,  
em cada primavera renascida,  
a minha alma celebra comovida  
o sempre moço encanto de ser tua!*

*Há novos tentilhões, nos novos ramos  
das velhas azinhagas que trilhamos,  
cada vez mais amantes, mais amigos,*

*vendo florir à luz novos desejos...  
E sobretudo, amor, os novos beijos,  
sabem sempre melhor do que os antigos...*

A edição contém um retrato da poetisa, que é reproduzido de uma tela de Carlos Reis.

Haverá já quatro anos, Oliva Guerra trouxe a público um lindo livro de poesia, que fomos dos primeiros a saudar com entusiasmo. Depois, ela remeteu-se ao silêncio, aquele «fecundo silêncio» de Carlyle, silêncio que lhe permitiu construir com esmero e amor os versos do *Encantamento*, o seu volume de agora.

Porque é que tantos artistas falham e se malogram, às vezes na posse de possibilidades magníficas? Porque se propõem vencer antes pela quantidade do que pela qualidade. Oliva Guerra, cuja estreita, pelos aplausos colhidos, foi das mais capazes de estontear o seu orgulho e de arrastá-la à super-produção, soube porém fugir a esse vulgar percalço. *Jean-Christophe*, a ampla obra de Romain Rolland deve-lhe ser muito familiar e decerto muita vez, como sábia advertência, lhe vieram à ideia as frases de Gottfried, a tão curiosa figura de bufarinheiro do romance, quando este adverte o pequenino músico da vacuidade das suas canções: «*Tu as écrit pour écrire. Tu as écrit pour être un grand musicien, pour qu'on t'admire. Tu as été orgueilleux, tu as menti: tu as été puni.*...» «*La musique veut être modeste et sincère. Autrement, qu'est-ce qu'elle est? Une impiété, un blasphème contre le Seigneur, qui nous a fait présent du beau chant pour dire des choses vraies et honnêtes.*»

Oxalá este conceito, aplicável a todas as artes e não somente à música, estivesse sempre fixo na memória de todos nós!

O segundo livro de Oliva Guerra confirma em absoluto o seu superior talento, revelado nos *Espirituais*. Há no *Encantamento* algumas das páginas mais sentidas que temos encontrado



Oliva Guerra.

nos livros de versos ultimamente publicados. Caracteriza-os uma profunda sinceridade e há neles muita vibração íntima. *Coimbra e Sintra*, na parte final do livro, pela variedade da medida do verso, testemunham a facilidade com que a poetisa vence os segredos da sua arte. A linguagem sai-lhe dúctil, colorida, expressiva, espontânea, sem o menor sinal de artifício.

*Divino Parnaso* adverte-nos de que a inspiração poética não é privilégio do continente. No Portugal insulano, embora aqui teimemos em desconhecê-los, vicejam também formosos temperamentos devotados à arte das rimas. Isso, aliás, não deve causar estranheza, porque se há paisagem, pelos maravilhosos encantos que a exornam, digna de que Deuses e Musas a elejam para sua moradia, ela é certamente a da excelsa ilha da Madeira.

Octávio Mariaiva, o poeta madeirense que cinzelou, com requintes parnasianos, os alexandrinos deste livro, evidencia nele, além de um fino sentido da cadência do verso, uma sensibilidade dionisiaca, impermeável à tristeza e embriagada da alegria triunfal de viver. A Dor, com o seu perfil anguloso, nem um instante sequer ofusca a claridade matutina que inunda estes sonetos, esplêndida galeria de frisos com motivos helênicos, em que há movimento heroico, voluptuosidade de danças sagradas e aere sabor de vinhos preciosos. Exaltando o prazer e a beleza plástica, tudo que afague os sentidos e desanuie a alma de cuidados, o autor aparece-nos como um aedo da Grécia clássica, de que Anacreonte tivesse sido mestre, vindo aos nossos tristes dias profetizar a ressurreição de Pan.

Valiosa afirmação de contista, o volume intitulado *Contas do meu rosário*! Com a etiqueta de literatura regional, José Castilho dá-nos nas suas páginas uma série de pequenas narrativas, cujos enredos, na sua maioria, se devem, inofensivamente, localizar no Minho, isto pelas notas etnológicas, exclusivas daquela nossa lu-

minosa e ridente província, que contém, mas onde outras há que, em boa verdade, tanto poderiam decorrer ali como em qualquer outra parte do país e até do mundo, por falta de qualquer tom que particularize o seu ambiente ou as suas figuras.

Numa linguagem desenvolvida, singela mas elegante, o autor apresenta-nos scenas muito curiosas da comédia e da tragédia aldeãs. *Por mór da olhada* tem cor local e, sobretudo, muita graça. No *Sino Novo* há igualmente flagráncia no desenho dos tipos, assim como no conto *Um caso de feitiçaria* e nos que se intitulam *São João-Casamenteiro* e *Nossa Senhora da Penéda*. Já *A Sapa* nos agradou menos, pelos seus tons de realismo cru. Mas no *Supremo Sacrifício* volta o autor a reapossar-se do nosso interesse, embora, tendo um tema com muita humanidade e dado pelo sr. José Castilho com toques originaes, essa novelazita seja uma das menos subordináveis à aludida etiqueta regionalista do volume.

Em suma, se o narrador das *Contas do meu rosário*, cuja capa foi desenhada com certo gosto, firmar nesse seu livro esperanças de um bom nome literário, ninguém decerto o acusará de exagerado nas suas aspirações.

Perante os *Poemas de Deus e do Diabo* é que ficamos verdadeiramente perplexos: trata-se de uma obra sincera, filha dum temperamento que viva fora das barreiras do normal e, que para exteriorizar a sua visão alucinada da vida, tenha necessidade de infringir os consagrados moldes poéticos, ou o caso é de mera *fumisterie*, num arranjo de forçada originalidade, para irritar os espíritos amantes dos serenos aspectos da Beleza? Inclinamo-nos para a segunda hipótese, porque se o sr. José Régio, autor deste feixe de versos, sentisse na sua alma travar-se o medonho combate entre o Mal e o Bem de que nos quis dar ideia, a demência ter-lhe ia já fincado a garra adunca no cérebro. Senão, veja-se o que o autor escreve em certo passo:

*Eu tenho a minha Loucura:  
Levanto-a, como um facho, a arder na noite escura  
E sinto espuma, e sangue, e cânticos nos lábios!*

E, todavia, de quando em quando, como por descuido do autor, descortinam-se nos seus poemas trechos de beleza compreensível para o geral das gentes, como no *Adão e Eva*, no soneto *Cristo* e em mais alguns. Mas no *Diário*, no *Cântico Negro*, na *Renda dos braços quebrados* e outros de tão extravagantes denominações e de não menos extravagante teor, a impressão de delírio volta a impôr-se-nos. Se o sr. José Régio persistir em afirmar que isto é Arte, bem pode suceder que qualquer leitor dos seus estranhos versos lhe replique: — Será Arte, mas não Arte para ser estimada por gente deste mundo...

CÉSAR DE FRUAS.





# - TEATRO -



## TEATRO ESTRANGEIRO UMA PEÇA NOVA DE MARINETTI

Como obedecendo a um signo de irremediável decadência, Lisboa, a Lisboa teatral que vai dos altos da Trindade e Tesouro Velho às imediações do antigo Passeio Público, dia a dia se tem tornando um destes êrmos silenciosos e lóbregos onde, como na cantiga,

*Chamamos e ninguém nos responde  
Olhamos e não vemos ninguém.*

Nisto de teatro e artes correlativas, tão profunda é a miséria a que se chegou entre nós, que já nem sequer por parte das empresas se pretende ao menos mascarar e compensar a nossa penúria de produção dramática por uma inteligente tentativa de renovação, importada, como os taxis, e os cabelos curtos, dos centros cibernos da Estranja.

É certo que também por esses largos caminhos da Europa os viandantes se queixam de crise e pobreza de espírito.

Nos sítios saudáveis e frondosos onde outrora se elevavam, como pequenos Trianons, os amáveis templos do Riso e da Lágrima, também agora costumam acampar, com o seu impudor e a sua farrapagem, os ciganos, os saltimbancos e os malfeteiros.

Ainda não há muito, nestas mesmas colunas, melancolicamente debuxávamos a traços largos o panorama do que lá por fora ocorre, se clama e se murmura. O espaço e o vagar não nos sobejam para uma detalhada análise das causas múltiplas e profundas da crise universal do teatro contemporâneo, crise que importa à causa da civilização bem mais seriamente que a olhos simplistas poderá parecer. De resto, a Grande Guerra é um poço sem fundo onde cabem todas as misérias e lamentações da hora presente.

E todavia a Grande Guerra, que foi um facto europeu e não apenas um concurso de casos nacionais, se provocou um universal desvair no domínio das ideais feitas e determinou incertas e inexploradas directrizes no rumo das almas e das artes, não escapou de todo nem *foz*, como entre nós, a rarefacção absoluta nos domínios do Espírito.

Amainada a tempestade de ferro e de fogo, o *homo europeus*, retomando no dia seguinte o seu belo aprumo e equilíbrio, empenhou-se logo numa infatigável actividade mental. Os seus frutos se vêm ainda doentes, tocados da febre e dos miasmas das trincheiras, trazem no en-

tanto já em si o gérme das mais fecundas e formosas primaveras.

E entretanto Lisboa, pesada de fadigas seculares, derrancada de incuráveis dispepsias, vai sonolentemente ruminando, sem um protesto, sem um lamento, sem um rubor de pejo, o espectáculo infável da sua dissolução moral e mental, cujo índice nos é dado alfitivamente pela baixa comédia da sua trapaça política e pela sua degradante impotência literária e artística, expressa em síntese e expoente perfeito na vida funcional das suas casas de espectáculo.

Enquanto entre nós se recorre às mais indigestas caçaroladas dos srs. Kistemaekers, Merés, Arniches & Comanditas, vertidas num refogado grosseiro de café e redacção, lá por fora ainda se não perdeu, apesar de tudo, o paladar e o aprumo de seres bipedes.

Dá-nos disso a prova a batalha em forma que há dias se travou em Roma, a propósito duma peça nova de Marinetti, *Il Vulcano*, fantástico drama em oito *sintheses* encadeadas, segundo rezam os programas.

Claro que a um super-homem como Marinetti, padre-mestre do futurismo passado, presente e futuro, não ficaria bem sujeitar-se à divisão duma peça em actos ou ainda mesmo em quadros, conforme alguns franceses da nova escola já bem audaciosamente tinham adoptado. Essa nomenclatura obscurantista seria para um apóstolo do futuro, possessor de originalismo, uma bem mísera quebra de princípios, duma rastejante vulgaridade.

*«Il faut être toujours original...»*

Seja porém como fôr, em oito actos ou em oito *sintheses*, a nova peça de Marinetti, já pela sua concepção, já pelo seu corte, deve ser qualquer coisa de muito interessante e de muito novo em teatro.

Escapa-nos pela leitura das críticas e dos *compte-rendus* o que Marinetti teria podido criar de beleza scênica com os elementos dramáticos e o jôgo de contrastes e de símbolos de que lançou mão. Parece-nos demasiado pejada de cerebralismo e demasiado pobre de substância humana para criar essa atmosfera ignea de explosões passionais de que o título pretende ser a síntese.

No entanto, dentro da sua feitura e do seu espírito rebuscadamente funambulesco e geométrico, *Il Vulcano* deve ser obra digna duma noite de batalha.

«Nesta obra, diz o crítico do jornal *Italia*,

Marinetti sintetizou num grupo de personagens toda a substância lírica da vida, toda a substância dinâmica dos seres humanos poderosamente cerrados sob as formas duma paixão.

É o impeto para a vida completa, integral, vivida sob a mais poderosa animação de todo o ser: é o abandono inteiro e absoluto da criatura humana à existência que se manifesta por todas as suas expressões.

Em face destes personagens, acampa um outro grupo que, pela sua avidez inconsciente e gelada, se opõe a esta expressão total de todos os instantes da existência — grupo de calculadores, de ingénios, de tímidos, que abdicam e renunciam à vida.

Entre estes dois grupos palpita e agita-se, numa oscilação continua, a massa anónima e amorfa...»

Por este sucinto relato, depreende-se que Marinetti não avançou mais, no campo das concepções da vida, além das balizas a que já Nietzsche e todos os seus comentadores e discípulos até agora tinham chegado. O grande problema dos nossos dias é cada vez mais o problema da Moral humana, ou seja, o da atitude do homem perante a Vida. Aos dramaturgos, como poetas e moralistas, compete essencialmente pôr o problema e, quicá, resolvê-lo ou tentar resolvê-lo.

Esta é de facto a grande, a generosa, a nobre tarefa do dramaturgo moderno. Marinetti, pela oposição, não só de duas concepções diferentes da vida, mas também de duas de sensibilidades contraditórias, inconciliáveis, (expressas, por exemplo, pela adopção de cores favoritas, violentas como o vermelho e o verde, em oposição às sensibilidades pardas ou negras) deve ter posto com muita felicidade os dados essenciais do problema.

Ignoramos que solução lhe dá ele no seu *Vulcano*, se bem que, pela sua ideologia e pela sua anterior concepção da vida, possamos inclinar-nos por uma solução nietzscheana, anti-cristã. E nestes tempos de fascismo triunfante essa solução anti-social teria desagradado a platéia.

A multidão que enchia a sala, ou por uma ideia premeditada contra o autor, ou por uma reacção espontânea contra as audácias amorralistas do drama, pateou fortemente actores e autor, não conseguindo restabelecer-se a ordem até ao fim do espectáculo.

Isto denota, ao menos, embates de ideias, vida, seiva, força.

Uma obra com esta força de pensamento e de expressão, pode bem com a atitude hostil duma platéia.

E Marinetti na sua imensa magnanimidade de futurista poderá murmurar, sem desânimos nem rancores, a frase passadista:

*Ad augusta per angustia...*

CARLOS SELVAGEM



# O GRANDE TENOR ANTÔNIO DE ANDRADE

Antônio e Francisco de Andrade — os D'Andrade, como se inscreviam nos programas — figuraram entre os mais célebres artistas líricos da Europa da sua época. Mas o tenor Antônio de Andrade, tendo sido forçado a abandonar a

não pela voz, pelo «entrain» dramático. Tendo passado recentemente o aniversário do ilustre cantor, associamo-nos às provas de deferência e admiração que lhe foram tributadas, publicando alguns documentos da sua vida artística e um artigo do sr. Jayme Batalha Reis, em que este distintíssimo diplomata e escritor faz reviver um capítulo das memórias de Antônio de Andrade.

uma senhora, depois de os celebrar como cantores, disse-me sorrindo: «*Et puis, ils sont très beaux garçons.*»

Francisco de Andrade fixou-se, por fim, na Alemanha, e foi, como todos sabem, naquele meio único de intelectualidade artística, o intérprete modêlo do D. João de Mozart, do Figaro de Rossini, do Rigoletto de Verdi... até à consagração suprema, por um dos seus grandes pintores, do retrato que se vê no museu de Berlim.

A voz de Antônio de Andrade era lindíssima. Muito diverso do seu famoso contemporâneo, Jean De Reszke, — que foi sempre um barítono



Antônio de Andrade no D. José da Carmen

scena no apogeu da sua carreira, ficou menos conhecido da geração contemporânea de que seu irmão, o barítono. Todavia, Antônio de Andrade, durante as mais brilhantes temporadas das óperas de Londres, de Moscovo, na Alemanha, em Itália, no nosso S. Carlos, recebeu entusiásticas ovações do público, que neste artista admirava um cantor que era — e ainda é — um professor de canto, e um actor de recursos verdadeiramente excepcionais na sua profissão. Tendo cantado ao lado da Patti, da Sembrich, de Marie Rose e Van Zandt, conquistando um lugar no mesmo plano de Masini, de Cottogni, de Devoyod e de Reszke, Antônio de Andrade honrou o nosso país, cujo nome, no seu meio, ergueu alto e com perfeita dignidade de artista e de homem. Da sua glória pode avaliar-se sabendo-se, por exemplo, que tendo ido substituir Masini no Théâtre Privé, de Moscovo, onde cantou setenta e três vezes numa época, foi julgado pela crítica superior ao seu grande colega, se

A NUNCIA-ME o meu querido e admirado amigo, José Viana da Mota, preparar-se um testemunho de admiração e simpatia ao grande artista português Antonio de Andrade. Venho, como um dos seus mais antigos amigos e admiradores, trazer-lhe a minha adesão.

Sei que alguém, mais competente do que eu, lhe está escrevendo a biografia artística. Só posso pois, pela minha parte, contribuir com algumas recordações pessoais:

Conheci, de muito novos, os irmãos Antônio e Francisco de Andrade, muito queridos, pelo seu agradabilíssimo trato, e pelos seus eminentes méritos, na sociedade portuguesa. Ouvi-os, por esses tempos, cantar em Portugal, e já então as suas vozes teatrais mal cabiam nas salas de Lisboa.



Antônio de Andrade

Ouvi-os, mais tarde, por anos, cantar e triunfar em Londres, e em outras cidades inglesas. Duma vez, ouvindo-os em Covent Garden,



No Lohengrin, de Wagner

cantando partes de tenor, — Antônio de Andrade era, no timbre e na extensão da voz, um tenor legítimo.

Fui ainda, muitos anos depois, encontrar na Rússia, com alguns dos seus admiradores, recordações vivas da sua glória.

Ainda há poucos meses, num domingo, e no adro da Igreja do Turcifal, êle cantou, a meia voz, admiravelmente, para que minhas filhas e eu o ouvíssemos, uma canção *tzigane*, em russo...

JAYME BATALHA REIS.





# Feminina



## MODAS DE PRIMAVERA



Os chapéus perdem um pouco a forma *toque*; apresentam já a aba um pouco mais larga em género *cloche* ou *canotier*.

Uma nota interessante da moda actual, é a tendência para o *oblusant* dos corpos



A moda da primavera está francamente lançada.

Na colecção de modelos apresentados pelas grandes modistas parisienses, figuram várias tentativas de que a mulher elegante decidirá pronunciando-se pelas que lhe merecerem mais simpatia e que melhor correspondam à sua concepção estética da toilette.

Dentre essas tentativas, faremos ressaltar duas, que, por introduzirem sensível modificação na linha geral da toilette, merecem especial reparo. A primeira

consiste na adopção das capas como género de abafio preferido para a meia estação. As principais casas criadoras de Paris que lançam esta ideia apresentam-nos variados modelos em que o corte e as dimensões não obedecem ainda a uma forma determinada. A par da capa longa, caindo dos ombros em *godets*, vê-se a capa também comprida, mas mais direita, porque as cingem aos hombros umas costuras próprias. Outras capas são mais curtas, mal passando a altura das ancas, e franzidas num *empiècement* que modela a parte superior do busto. Outras ainda são completamente pregueadas ou franzidas. Umas fecham à frente; outras deixam a frente do vestido a descoberto, caindo dos ombros numa evocação das capas dos cortesãos de eras faustosas.

Por qual dos géneros se pronunciará a mulher elegante a cujo beneplácito são submetidas todas estas concepções? *Chi lo sa...*? Entretanto é de crer que a capa curta pregueada, feita com tecidos leves, lhe mereça especial simpatia, dada a leveza graciosa, e bem feminina, do conjunto que oferece esse género de abafios.





## JÓIAS LINDAS EM MÃOS FORMOSAS



*Le belle mani!...*

Que de poetas teem cantado através os meandros dos séculos, o tema inextinguível dumas formosas mãos! Que de corações se teem deixado agrihetar à paixão por umas mãos pequeninas, esguias, leves e brancas como espumas do mar, calcinantes como lava de vulcão incandescente!

*Le belle mani!...*

Um gesto breve, um movimento subtil desses pequeninos pedaços de neve esgarçada, adejando ao sabor do capricho, da coquetterie ou do sentimento, quanta espiritualidade e relêvo imprimem à palavra, quanto sortilégio encanto e perturbadora sedução espalham em torno duma figura de mulher, quer ela se encontre oculta no recanto suavemente esbatido da intimidade, ou entronizada no plinto esplendoroso da arte!

Assim, como não há de a mulher cuidar e aformosar com carinho esse tesouro que a Natureza lhe conferiu, porque dele depende em grande parte a sua felicidade, o seu prestígio, a confirmação do seu estranho encanto.

É certo que nem todas as mãos são impecáveis de forma, que nem todas apresentam essa brancura setínea, esse afuselado de dedos rematados por pequeninas conchas de nacar rosado, que representam a estesia perfeita dumas mãos patricias; mas o que a natureza, por capricho ou negação, raras vezes modela com perfeição, pode ser corrigido e aperfeiçoado pela inteligência humana.

A primeira condição para que a beleza das mãos ressalte flagrante, atestando um cuidado inteligente em fazê-las valer, é o tratamento da pele e das unhas. E não se julgue que isso só se consegue com o concurso da ociosidade. Não! Há mulheres que trabalham muito e que apresentam as mãos invejavelmente finas e cuidadas, enquanto que outras nem palpam o pó, com medo de as estragar, as ostentam tão feias, tão desgraciosas e mortas, que causam verdadeira pena.

E afinal, bem pouco é preciso para conservar as mãos bem tratadas: à noite, ao deitar, ou ao terminar os trabalhos que as enegrecem um pouco, lavam-



-se, esfregando-as bem com a escova, em água quente, na qual se adicionou um pouco de soda e amoníaco. Depois enxugam-se bem, friccionam-se com glicerina e sumo de limão, — partes iguais, — ou com um creme próprio e polvilham-se com pó de arroz, procedendo-se em seguida ao tratamento das unhas do qual nos ocupámos numa das nossas últimas palestras.

A segunda condição, consiste em adornar as mãos com critério e consciente sentimento artístico.

A acumulação de jóias nas mãos e nos pulsos, nunca pode favorecê-las.

Haverá mais clara afirmação de mau gosto do que a de couraçar os dedos com sucessivas rôscas de anéis escondendo sob as refulgências múltiplas dos aros sobrepostos o modelado gracioso e fino das falanges?

Depois, aquela amálgama de pedrarias que brigam entre si pela discordância dos coloridos, de engastes que se contudem e repelem, forma um conjunto pesado, inestético, que apenas pelo representativo valor intrínseco pode atrair as atenções.

A simplicidade adoptada como norma pela moda, — que de modo algum exclui a riqueza, antes a impõe com requintes de desnorteante tirania, — ultrapassou os domínios do guarda-roupa e penetrando nos escrínios ditou ali severamente as suas leis exhibitivas de abusos inestéticos.

Os anéis são simples, muito simples mesmo: uma formosa pérola, duas, quando muito, graciosamente casadas, um brilhante, — um só... mas príncipesco... — uma esmeralda ou uma safira discretamente orladas de pequeninas rosas, seguras em discretos engastes, eis o que a moda de hoje aconselha para ornamento dumas mãos que sendo belas querem embelezar-se ainda.

E assim brilham, a par, em plena concordância, em plena afirmação de estesia, a brancura, a forma impecável da mão patricia e a sumptuosidade requintadamente esquisita da jóia que a enriquece.



# NOSSA SENHORA DO AR

## PADROEIRA DA AVIAÇÃO PORTUGUESA

Pois bem,—será sugestão... Mas, lá no alto do monte, olhada cá de baixo, à semi-obscuridade que envolve a terra nesta hora do crepúsculo, a capelinha da Virgem, há muito tempo em ruínas, destacando-se da penumbra, sob o pálido azul dos céus,—parece, de facto, suspensa no espaço.

O Povo,—porque foi decerto o Povo—, abrindo naquele êrmo a imagem da Mãe de Jesus, por um acaso da sua ingenuidade de todos os tempos, começou a chamar-lhe, com a sabedoria bíblica, que possui sem conhecimento—Nossa Senhora do Ar.

E assim, quasi sempre de um nada, que resultam, nesta nossa bendita terra de guerreiros, de navegadores e de santos, as mais belas concepções do pensamento. E, Nossa Senhora do Ar, outrora venerada humildemente, na modesta capelinha que a piedade cristã lhe levantou perto do Cadaval, entre as aldeias semi-anónimas de Figueiros e Aljube, —descoberta no seu isolamento pelo acaso duma hora boa, terá em breve a maior consagração. Como Santa Padroeira da Aviação Portuguesa, lá no topo do seu novo altar decorado com asas de aviões, tendo aos pés uma hélice gloriosa, assistirá ao desfile, em continência, desse punhado de bravos por quem terá que velar.

O seu nome, o seu lindo nome, quasi desconhecido até agora, viverá de futuro, dia a dia, nos lábios das mulheres, rezado muito baixinho, com religiosidade, envolvido nas preces e orações por todos aqueles que, com risco da própria vida, lutam, sem desfalecimentos, pela Honra eterna de Portugal!

Como no tempo em que as nossas náus, vencendo o mar tenebroso, levavam às cinco bandas

que o elevam, sagradas pela rubra Cruz de Cristo das antigas caravelas!...

A Espanha, a França e algumas outras nações, que à aviação tem dado o melhor do seu esforço, elegeram, logo quasi de começo, a Santa Padroeira da sua quinta arma.

Tive há dias entre mãos, na sede da «Revista Aeronáutica», um album de fotografias, respeitantes à Aviação Espanhola. Desde os hangares, alguns formidáveis, até ao posto de socorros no pavilhão dos oficiais,—é tudo uma maravilha! Nas salas não há só conforto, mas também bom gosto e riqueza! Nós... Deixemo-nos de nós. Lá vi, nesse album, a luz dos céus, entre as baionetas e as atitudes hirtas da continência, a Virgem Padroeira, perante a qual ajoelharam Ramon Franco e Ruiz de Alda, antes de iniciarem, com tanta glória para a Espanha, a segunda travessia do Atlântico.

E em presença dessa imagem, que é um primor de escultura, perante a qual notei, em modo recolhimento, alguns peitos constelados, senti dentro de mim a Fé mais forte, e compreendi, sem esforço, porque a Espanha não duvidou nunca da enorme vitória que acaba de alcançar. Sugestão, dizem os senhores... Pois bem,—será sugestão.

A Aviação Portuguesa procurava, há já muito, a sua Padroeira.

A minha interferência no assunto pode dizer-se nula; a história, conta-se em duas palavras:

—O major Gilka Duarte, nobre figura de paladino que a causa da Aviação não tem rega-

Brito Paes, um dos heróis da façanha, falou-me com enternecimento numa determinada imagem de Nossa Senhora, ali venerada pelo povo, e que ficaria muito bem como Padroeira da nossa Aviação.

Achei a ideia curiosa e interessante. Passou-se tempo e, há dias, Gilka Duarte pediu-me alguns versos para a «Revista Aeronáutica». Recordei a nossa antiga palestra e, não sei bem se influenciado por ela, escrevi a «Oração do Aviador».

Ao compôr essas cinco quadras, que pretendi tornar acessíveis, simples e humanas,—mal supunha que a santa a que nelas me refiro, longe de ser imaginária, existia, de facto, nesta nossa linda terra!... Só depois de traçados esses versos, pessoa amiga me informou da verdade. Confesso que rejubei! A «Oração do Aviador», embora já publicada nos principais diários de Lisboa, vai bem dentro destas notas e, como tal, aqui a reproduzo. Com ela, por um acaso que bem-digo, a aviação portuguesa encontrou, finalmente, a Santa Padroeira desejada.

Pois bem,—será sugestão... Mas reparem:—parece que tudo se conjugou para que fosse assim. Eis, em suma, a Oração:

*Nossa Senhora do Ar:  
—Guiai-nos pelo além fora,  
p'ra que possamos voltar,  
Nossa Senhora!*

*Acalmai os elementos,  
fazendo por nos guardar  
do rude impulso dos ventos,  
Nossa Senhora do Ar!*

*P'ra que revivam na História  
altas façanhas doutoras,  
facilitai-nos a glória;  
guiai-nos pelo além fora.*

*E na carlinga, ao volante,  
dai-nos, se a sorte falhar,  
o sangue frio bastante  
p'ra que possamos voltar!*

*Pela Fé que nos trespassa,  
por quem nos espera e chora,  
pela Patria, pela Raça,  
—valei-nos, Nossa Senhora!*



AVIAÇÃO ESPANHOLA — Missa campal, por ocasião das festas da Padroeira

Como disse no começo, a humilde capelinha encontra-se em ruínas.

Nossa Senhora do Ar, que estaria lá dentro exposta ao vento e à chuva, foi há tempos recolhida, por mãos piedosas, crê-se que na igreja de Figueiros, ou na outra de Aljube. É fácil investigar.

Mas não há em tudo isto um não sei quê de milagre? Não é certo que o acaso tem coisas encantadoras?

Não me cumpre discutir onde ficará melhor, de futuro, a Santa Padroeira da Aviação. O que me parece é que tudo se encontra bem disposto, —talvez mesmo por Nossa Senhora!— para se levar a cabo, sem nenhuma complicação, uma ideia linda!

Há quem A queira nos Jerónimos; há quem opte pela reconstrução da capela primitiva. Seja, porém, como for, a Aviação encontrou a sua Padroeira, e eu encontrei, por seu intermédio, a melhor oportunidade dum momento de Beleza! Sugestionado por Ela?... Pois bem,—será sugestão.

SILVA TAVARES.

do mundo o pavilhão das Quinas,—em vésperas de viagem por ventos nunca dantes navegados, Nossa Senhora do Ar, à semelhança de Jesus dos Navegantes, receberá a homenagem de umas horas de vigília. E o eleito a quem for confiada a façanha audaciosa, iniciará com mais fé o caminho dos astros, orgulhoso das asas brancas

teado sacrifícios, vivendo e lutando por ela e para ela,—pouco tempo depois do raid formidável Lisboa-Macau, encontrando-se comigo no Porto, na recita de gala do Sá da Bandeira, dizia-me, com entusiasmo:—«Meu amigo,—vencemos!...» E referindo-se a grandes festas em Vila Nova de Mil Fontes, terra natal de



## P A S S A T E M P O

## PALAVRAS CRUZADAS

(Solução do 7.º número)

A	M	O					
M	A	X					
O	X	A	L	A			
			L	E	R		
			A	R	A	M	E
					M	A	L
					E	L	O

\* \* \*

## PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo)


J	J	J	O	O
O	O	O	B	B
D	E	E	E	I
I	I	U	S	S
T	R	R	A	A

## Definições:

Composição poética. — Chefe d'Estado. — Personagem bíblico. — Molusco. — Ósculo. — Receptor. — O principal de qualquer espécie. — Ter direito. — Verbo na 1.ª pessoa do indicativo.

\* \* \*

## UM DISCURSO INTERROMPIDO

Henrique IV, de França, ia de visita a uma cidade qualquer e tinham-se feito grandes preparativos para o receber.

Estava tudo disposto para um banquete, e alguém que tinha o dom da palavra, pronto para saudar o monarca em ondas de eloquência.

O orador pensou que o rei ficaria encantado de se ouvir comparar com o grande Anibal, que conduziu um exército desde Cartago, atravessara a Espanha, entrara na Itália e

quasi conquistara Roma. Por isso o discurso principiaria assim: ?

«Quando Anibal partiu de Cartago, Senhor,» e continuaria por aí fora com uma longa narrativa dos feitos de armas de Henrique IV.

Este chegou exactamente a hora marcada para principiar o banquete. O orador aproximou-se, curvou-se até ao chão, tomou o fôlego e começou em voz bem alta: «Quando Anibal partiu de Cartago, Senhor...»

— «Ah! decerto! — exclamou o rei. Quando Anibal partiu de Cartago, teve o cuidado de jantar primeiro. Obrigado pela lembrança! Vou seguir o seu exemplo.»

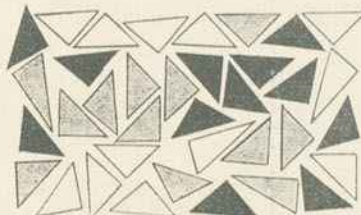
Dizendo isto dirigiu-se para a sala do banquete, e ninguém soube até hoje que mais o orador teria dito a respeito de Anibal.

\* \* \*

## MOSAICO

(Passatempo)

Estão aqui espalhados uma quantidade de pequeninos triângulos pretos, cinzentos e brancos. São capazes de formar com todos estes triângulos uma figura regular, tendo cuidado em que nunca dois triângulos da mesma cor fiquem colocados ao lado um do outro?



\* \* \*

## Entre amigos:

— Examinaram-me o cérebro com os raios X e não encontraram nada.  
— Ah! mas esperavam encontrar alguma coisa?



Tertu: — Sabes, o Rodrigo fez-me ontem uma declaração de amor.  
Leonor: — Sim?! Não é verdade que as faz muito bem feitas?

## OS FÓSFOROS CRUZADOS

(Solução)

É tudo quanto há de mais simples.

Passa-se o n.º 5 por cima do 3 e 4 e cruza-se sobre o 2.

Passa-se o que ficou sendo agora 4, sobre o 5 e o 6, e cruza-se sobre o 7.

O n.º 1 salta sobre o primeiro grupo cruzado e forma cruz com o fósforo imediato; e o último fósforo salta, por sua vez, para a esquerda sobre o grupo que lhe fica ao lado e cruza com o único que já resta singelo.

\* \* \*

O pequenito (que acaba de ver a mãe despedir a criada por esta ter vindo tarde do passeio).

— Mamã, é mau voltar tarde para casa?

— É; por isso despedi a Joaquina.

— E também vais despedir o papá?



Estão aqui mais quatro pessoas jantando. Aonde?



## BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA

OBRAS REGISTRADAS NA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA DURANTE O MÊS DE MARÇO DE 1926

## LITERATURA

- ARDEL (HENRI) — *E' preciso casar João!* Romance. Trad. de João Grave. — Porto, 1926; 364 p. 8.º — 10500.
- BALSEMÃO (JAIME DE) — *Alguns alfarcins*. Farcas breves. — Lisboa, 1925; 170 p. 8.º — 10500.
- BALTAR (GASPAR) — *Vendo e anotando*. Crônicas. — Porto, 1926; 210 p. 8.º — 8500.
- BOURGET (PAUL) — *O Fantasma*. Romance. Trad. de Ana de Castro Osório. — Porto, 1926; 311 p. 8.º — 10500.
- BRUN (ANDRÉ) — *Os meus Domingos*. Ilustrações de Francisco Valença, 3.ª série. — Lisboa, 1926; 165 p. 8.º — 7550.
- CASTELO BRANCO (CAMILLO) — *A filha do doutor negro*. Romance, 6.ª ed. — Lisboa, 1926; 257 p. 8.º — 7550.
- CAMILLO BRANCO (CAMILLO) — *Memórias de Guilherme do Amaral*. Obra póstuma, 6.ª ed. — Lisboa, 1926; 200 p. 8.º — 7550.
- CASTRO (EUGÉNIO DE) — *Cartas de torna-viagem*, 1.º vol. — Lisboa, 1926; 308 p. 8.º — 10500.
- CASTRO (FERNANDA DE) — *Mariquinha em África*. Romance para meninos. Ilustrações e capa de Sara Afonso. — Lisboa, 1926; 135 p. 8.º — 9500.
- CASTRO E ALMEIDA (VIRGINIA DE) — *Contos de Portugal*. (Fraz-os-Montes, Beira Baixa). — Lisboa, 1926; 127 p. 8.º — 6500.
- COELHO NETO — *Imortalidade*. Lenda. — Porto, 1926; 8.º e o retr. do A.
- CONSENCHE (HENRIQUE) — *A Sepultura de ferro*. Romance. Trad. de Emília de Araújo Pereira, 2.ª ed. — Lisboa, 1926; 190 p. 8.º e capa il. — 4500.
- DAVID (CELESTINO) — *Alentejo, terra de solidão*. Poemas regionais. — Évora, 1926; 168 p. 8.º e capa il.
- EÇA DE QUEIROZ — *Contos*, 7.ª ed. — Porto, 1926; 332 p. 8.º — 9500.
- EÇA DE QUEIROZ — *O Mandarim*. Romance, 10.ª ed. — Porto, 1926; 156 p. 8.º e o retr. do A. — 6500.
- FORJAZ DE SAMPAIO (ALBINO), organizador. — *Fialho d'Almeida* — a sua vida e a sua obra, 2.ª ed. (Coleção Patrícia). — Lisboa, 1925; 16 p. 8.º e capa il. — 2550.
- FORJAZ DE SAMPAIO (ALBINO), organizador. — *Julio Dimiz* — a sua vida e a sua obra. — Lisboa, 1925; 16 p. il. — 2550.
- FRIAS DE MATOS (LUDOVINA) — *Para além da morte*. Sonetos. — Porto, 1926; 64 p. 8.º — 5500.
- GOMES TEIXEIRA (F.) — *Panegiricos e conferências*. — Lisboa, 1925; 315 p. 8.º.
- GONÇA COLAÇO (BRANCA DE) — *Últimas canções*. — Lisboa, 1926; 112 p. 8.º — 7550.
- GRACIAS (MARIANO) — *Terra de rajás*. (Com um elucidativo glossário). Versos. — Bombaim (Índia Inglesa), 1925; 141 p. 8.º e o retr. do A. — 8500.
- GUERRA (OLIVA) — *Encantamento*. Versos. — Lisboa, 1926; 136 p. 8.º — 10500.
- Ivo (PESSO) — *O Selo da roda*. Romance. — Lisboa, 1926; 239 p. 8.º e capa il. — 6500.
- KELLER (GOTTFRIED) — *Romeu e Julieta na aldeia*. Trad. do alemão de Carlos Pessanha Pereira. — Lisboa, 1925; 170 p. 8.º — 3500.
- LATINO COELHO (J. M.) — *Páginas Escolhidas*. Compilação e prefácio de Afrânio Varela. Vol. I. — Lisboa, 1926; 325 p. 8.º — 9500.
- LOPES (AMADOR) — *Flor de luz*. Versos. — Lisboa, 1925; 111 p. 8.º — 5500.
- LUSIA — *Cartas duma vagabunda*. — Lisboa, 1926; 310 p. 8.º — 12550.
- MARDEN (O. S.) — *O Poder da vontade*. Trad. de Manuel de Melo. — Porto, 1926; 296 p. 8.º — 9500.
- MARYAN (M.) — *Annie*. Romance. Trad. de Campos Monteiro. — Porto, 1926; 317 p. 8.º — 10500.
- MOLNÉRE — *O Avarento*. Comédia em 5 actos. Versão libérrima de António Feliciano de Castilho, 2.ª ed. — Lisboa, 1925; 447 p. 8.º.
- ONNET (JORGES) — *Ave de rapina*. Romance. — Lisboa, 1926; 170 p. — 6500.

- OLIVEIRA GUIMARÃES (LUÍS DE) — *Caixa de amendoas*. Versos. — Lisboa, 1926; 106 p. 16.º — 5500.
- PAÇO (TENENTE AFONSO DE) — *Gírias militares portuguesas*. Carta-prefácio de J. L. de Vasconcelos. — Porto, 1926; 55 p. 8.º — 3550.
- PATRICIO (ANTÓNIO) — *Pedro, o Cru*. Drama em 4 actos, 2.ª ed. — Lisboa, 1925; 156 p. 8.º e capa il. — 7500.
- PEREZ ESCRICH (E.) — *O martir do Golgotha*. Trad. de Luís Cardoso. Ilustrado com 10 tricromias. — Lisboa, 1926; 3 vol. 8.º — 25500.
- PEREZ ESCRICH (H.) — *O Milionário*. Romance, 2.ª ed. — Lisboa, 1926; 216 p. 8.º — 4500.
- QUENTAL (ANTÓNIO DE) — *Odes modernas*. Nova ed. conforme a 2.ª e seguida de alguns apêndices. — Coimbra, 1924; 214 p. 8.º.
- SILVEIRA FERNANDES (HUMBERTO) — *As novelas do quintanista Macário*, 2.ª ed. — Coimbra, 1926; 87 p. 8.º — 5500.
- TEIXEIRA DE PASCOALES — *Cânticos*. Versos. — Porto, S. d.; 123 p. 8.º — 7550.
- VICTORINO (VIRGINIA) — *Renúncia*. Sonetos. — Lisboa, 1926; 90 p. 8.º — 10500.

## SCIÊNCIAS E ARTES

- CARVALHO BRANDÃO — *Os modernos métodos de previsão do tempo em Portugal*. Memória. — Lisboa, 1925; 25 p. 8.º — 1500.
- COSTA SANTOS (DR. SEBASTIÃO) — *O Início da Escola de Cirurgia do Hospital Real de Todos os Santos, 1504, 1565*. — Lisboa, 1925; 36 p. 8.º.
- LEMOES (ALVARO V.) — *O Escotismo na educação*. Algumas palavras elucidativas ao professorado primário, normal e liceal, e outras considerações. — Coimbra, 1926; 80 p. 8.º.
- MALHEIRO (CORONEL ALEXANDRE) — *A Invisibilidade das tropas na guerra moderna*. — Lisboa, 1926; 223 p. 8.º.
- MELO E SIMAS — *Note sur la planète Baade*. — Lisboa, 1925; 14 p. 8.º.
- MENDES CORREIA (A. A.) — *Osteometria portuguesa. II — Esqueleto apendicular dos membros superiores*. — Coimbra, 1926; 6 p. 8.º.
- NEUPARTH (EDUARDO AUGUSTO) — *Esboço geológico de alguns pontos das nossas colónias*. Memória. — Coimbra, 1926; 24 p. 8.º.
- SOUSA NEVES (ALBES CORREIA DE) — *Elementos de geometria sintética*. — Lisboa, 1926; 48 p. 8.º — 10500.
- VASCO (IRMÃO) — *Pués de frade*. Receitas de um leigo oferecidas às juvenis donas de casa. — Lisboa, 1926; 70 p. 8.º e capa il. — 3500.

## HISTÓRIA E GEOGRAFIA

- ASSIS GONÇALVES (HORÁCIO DE) — *O Vinte e três*. Efemérides biográfico-sintéticas deste regimento. — Porto, 270 p. 8.º.
- BAIXO (ANTONIO), prefaciador. — *Documentos do Corpo Chronologico relativo a Marrocos (1488 a 1514)*. — Lisboa, 1925; IX, 141 p. 4.º.
- CARVALHO (JOAQUIM DE) — *Uma Epistola de Nicolau Clenardo a Fernando Colombo*. — Coimbra, 1926; 25 p. 8.º.
- CORDEIRO DE SOUSA (J. M.) — *Algumas siglas e abreviaturas usadas nas inscrições portuguesas desde o fim do século XVII até o principio do século XIX*. — Lisboa, 1926; 22 p. 8.º — 5500.
- CUNHA SARAIVA (J. A. M. DA) — *O primeiro bispo de S. Paulo* (notícia biográfica). — Lisboa, 1926; 13 p. 8.º — 3550.
- FRUTUOSO (DR. GASPAR) — *Livro 2.º das Saudades da terra em que se trata do descobrimento da ilha da Madeira e suas adjacentes e da vida e progenie dos illustres capitães delas*. Introdução e notas de Damião Peres. — Porto, 1925; 322 p. 8.º e est.
- LARANJO COELHO (P. M.) — *Vantagens do estudo das monografias locais para o conhecimento da história geral portuguesa*. — Coimbra, 1926; 23 p. 8.º.
- MATOS SEQUEIRA (GUSTAVO) — *Relação de varios casos notáveis e curiosos succedidos em tempo na cidade de Lisboa e em outras terras*

de Portugal, agora reunidos, comentados e dados a luz. — Coimbra, 1925; VII, 264 p. 8.º — 15500.

NEVES DA CRUZ — *Bonjos e canhotos*. O momento político visto pela lente do romancista, do regedor, do amanuense, do sapateiro e do lavrador. (Cartas da minha terra). — Porto, 1926; 80 p. 8.º.

SANTANA RODRIGUES — *A Índia contemporânea*. Com prefácio do Prof. Azevedo Neves. — Lisboa, 1926; 209 p. 8.º — 9500.

SANTOS (JULIO EDUARDO DOS) — *Elogio histórico do conselheiro José Silvestre Ribeiro*. — Lisboa, 1925; 33 p. 8.º — 4500.

TEIXEIRA DE CARVALHO (DR. J. M.) — *Bric-à-brac*. Notas históricas e arqueológicas, prefaciadas por Matos Sequeira. — Porto, 1926; XI, 479 p. 8.º — 25500.

VEIGA GUTINHO (SALES DA) — *Subsídios para a história do Hospício do Sagrado Coração de Maria, de Margão*. Memória. — Margão, 1925; IV, 329 p. 4.º e est.

## RELIGIÕES

- CARVALHO (ABÍLIO G. DE) — *A Eucarestia e a medicina*. Conferência. — Porto, 1926; 56 p. 8.º.
- LESEUR (ISABEL) — *A mulher cristã*. — Coimbra, 1925; 16 p.

## BIBLIOGRAFIA

CATÁLOGO sistemático da exposição bibliográfica comemorativa do IV centenário de Vasco da Gama realizado na sala da biblioteca da Imprensa Nacional de Lisboa. — Lisboa, 1926; 75 p. 8.º.

## SCIÊNCIAS CIVIS

- ANUÁRIO COMERCIAL DO PORTO para a cidade do Porto, Vila Nova de Gaia e Matosinhos se 1926. — Porto, 1926; XVI, 438, CCXVI p. 8.º.
- ANUÁRIO ESTATÍSTICO DE PORTUGAL. Ano de, 1921. — Lisboa, 1925; 514 p. 8.º.
- ARQUIVO DA UNIVERSIDADE DE LISBOA. Vol. X. (Com 19 figuras no texto e X estampas). — Lisboa, 1925; 427 p. 8.º.
- CARQUEIA (BENTO) — *A Sociedade futura*. Conferência plenária. — Porto, 1926; 44 p. 8.º.
- CÓDIGO de justiça militar e regulamento de disciplina militar. — Lisboa, 1926; 190 p. 8.º — 12500.
- COSTA LOBO (F. M. DA) — *Plan d'organisation traditionnelle actualisée pour une nation*. — Coimbra, 1925; 15 p. 8.º.
- LEI do divórcio. Com as portarias de 8 de Dezembro de 1911 e de 18 de Março de 1913. — Lisboa, 1926; 32 p. 16.º — 2550.
- MAGALHÃES COLAÇO (JOÃO TILO DE) — *Da vida pública portuguesa. II — Conservadores e radicais*. — Lisboa, 1926; 159 p. 8.º — 10500.
- MENDONÇA (CARLOS DE) — *Calendário fiscal*. — Lisboa, 1926; 1 p. — 2550.

## CAMONIANA

C. C. — *A naturalidade de Camões*. Almeno — Lusitano — Alcide. Subsídios para a história da literatura portuguesa. — Lisboa, 1926; 37 p. 8.º.

## REVISTAS

E' já representativo de uma considerável actividade intelectual o número de revistas que, versando os mais variados assuntos técnicos e doutrinários umas, e outras arquivando labores de arte literária ou de erudição, entre nós se imprimem e circulam. Entre elas, por nós serem regularmente enviadas, registamos as seguintes: «Acção Católica», «Alma Nova», «Amigo da Infância», «Auto», «A Bibliográfica», «Cultura», «Eco dos Sports», «Educação Social», «Portugália», «A Reconquista», «Renovação», «Revista de Comércio e Contabilidade», «Revista de História», «Revista Escolar», «Ciência e Indústria», «Seara Nova» e «Terra Alentejana».

As livrarias AILLAUD e BERTRAND dão gratuitamente todas as informações às consultas bibliográficas que lhes sejam feitas



ILUSTRAÇÃO

# POMPADOUR

Esta série de perfumarias constitui o  
: : nosso orgulho de fabricantes : :

TOMÁS MENDONÇA, FILHOS, L.<sup>DA</sup>



## PERFUMARIA MENDONÇA

Telefone: Trindade 105

CALÇADA DO COMBRO, 47—LISBOA





Maquina de Barbear  
**"VALET"**  
Auto Strip

Evita contínuas  
despesas de lâminas novas

PRINCIPAIS VANTAGENS

- 1.º Dispositivo suavizador que permite dar à lâmina em dez segundos um fio finíssimo, sem haver necessidade de retirar a lâmina da máquina e sem necessitar de nenhum aparelho especial e custoso.
- 2.º Graças à qualidade do aço as lâminas podem servir 50 vezes ou mais evitando contínuas despesas de lâminas novas.
- 3.º A limpeza é extremamente fácil, não havendo necessidade de retirar a lâmina, nem de desaparafusar ou desmontar peça alguma.

AGÊNCIA: LACHAUD & C.<sup>A</sup>  
44, RUA DOS FANQUEIROS — LISBOA

## SER PREVIDENTE

é o dever de todos aqueles a quem o futuro preocupa.

Tem algum Monte-Pio?

Já fez o seu seguro de vida?

Procedeu bem, e com isso mostra que é previdente. Mas nós preconizamos uma nova forma de adquirir os meios indispensáveis para se assegurar um fim de vida feliz, tranquilo e sem preocupações.

COMO? Inscrevendo-se em qualquer dos nossos prémios de Esc. 500.000 e Esc. 5.000.000.

Para esclarecimentos dirigir um simples postal a

## CAPITAL BUSINESS

Rua de Sá da Bandeira, 331, 3.º — PORTO

PRÉMIOS PAGOS ATÉ HOJE ESC. 15.500.000

## Waterman

Exigi sempre a

**Caneta  
Ideal  
Waterman**



A caneta que goza de maior  
reputação no mundo inteiro

Agência: 44 Rua dos Fanqueiros, Lisboa

## Waterman





REBELLO  
DE ANDRADE & ALCOBIA<sup>LA</sup>  
LARGO DO CARMO 15  
LISBÔA

CONSTRUÇÕES DECORAÇÕES MOBILIÁRIO

PROJECTOS  
DE  
ARQUITECTURA

ARTIGOS  
DE  
DECORAÇÃO

**Veramon**



**acalma  
as dores.**

Veramon *Schering* em comprimidos

é o melhor remédio contra todas as espécies  
de dores principalmente da cabeça e dos dentes  
Não ataca o coração. Não causa sono.  
Encontra-se em todas as farmácias e drogarias.

CIGARROS ARAKS



EGIPCIO DA MAIS FINA QUALIDADE  
E AROMA

A venda em toda a parte

Importadores: V. Contreras & Filho  
R. 1.º de Dezembro, 7



**CREME BALSAMICO-MARYA**  
**RIVALISA COM OS MELHORES ESTRANGEIROS**

**Productos #**  
**MARYA**

**VELUTINA BALSAMICA-MARYA**  
**FABRICADA E PERFUMADA PELOS PROCESSOS**  
**MODERNOS EMPREGADOS POR COTY**

*Produtos de beleza conhecidos e preferidos pelas senhoras em todo o país, Ilhas, Africa e India. — Creações da*  
**PERFUMARIA DA MODA — 5, Rua do Carmo, 7 — LISBOA**

**V. EX.ª QUER TER AS PERNAS ELEGANTES?**

USE SEM HESITAÇÃO AS

**BANDES L. DE CLARKS**

em caoutchouc muito fino de cor rosca e muito macio,  
 INVISIVEL DEBAIXO DA MEIA MAIS TRANS-  
 PARENTE.

Pela suave massagem que elas ocasionam durante o an-  
 damento, facilitam a circulação e tornam a vossa perna  
 elegante e esculpural.

Preço esc. 35\$00 — Porte gratis

**VICTOR C. CORDIER**

Rua da Prata, 275 — LISBOA

C. Marquez de Abrantes, 1 a 5 — LISBOA

Rua das Flores, 136 — PORTO



**PETRÓLEO**  
**HAHN**

M. d. F.

**PARA O CABELO**  
 De Fr. Vilbert à Lyon

**LOÇÃO FORTIFICANTE**  
 E REGENERAÇÃO



indispensável para limpeza, aformoseamento, conservação  
 e desenvolvimento da cabeleira

FRASCO GRANDE 20\$00 FRASCO PEQUENO 14\$00  
 VENDA POR GROSSO

**J. DELIGANT**

15, RUA DOS SAPATEIROS — LISBOA



**VIDAGO,**  
**PEDRAS SALGADAS,**  
**MELGAÇO, SABROSO**

**VIDAGO, MELGAÇO & PEDRAS**  
**SALGADAS — Sociedade — PORTO**

**RUA DA CANCELA VELHA, 29**

**DEPOSITO GERAL EM LISBOA**

**AVENIDA DA LIBERDADE, 128 — Telef.: N. 3296**



# AUTOMOVEIS SALMSON

Torpedo SALMSON 7 H. P. de 4 logares, com travões às 4 rodas, chassis de pontas reforçado de quadro fechado, com molas inteiras à frente e meia-cantélever atrás.

Motor monobloco de 4 cilindros, com  $62 \frac{m}{m}$  de alesage e  $90 \frac{m}{m}$  de course, cilindrada  $1086 \text{ cm}^3$ , e valvulas colocadas na parte superior comandadas por colbuteurs.

5 RODAS, CALÇADAS COM PNEUS CONFORT  $715 \times 115$

CONTA-QUILOMETROS, RELOGIO, AMORTISSEURS, MI-SE-EN-MARCHE E ILUMINAÇÃO ELECTRICA.

SALMSON 7 H. P. O carro mais economico.

6 LITROS DE GAZOLINA E 100 GRAMAS D'OLEO AOS 100 QUILOMETROS.

SALMSON 7 H. P. o carro mais rapido do mundo na sua categoria.

ARPAJON em 11 de Outubro de 1925, Record do mundo do quilometro lançado, a 182 QUILOMETROS 232 METROS À HORA.

S. SEBASTIAN em Setembro de 1925 — Primeiro premio do Circuto em estrada de 531 quilometros, com a media fantastica de 100 quilometros á hora.

Unicos concessionários para Portugal e Colónias

ARMANDO CRESPO & C.<sup>A</sup>

Rua do Crucifixo, 118 a 124

LISBOA



AUTOMOVEIS

CAMIONS

**MORRIS**

MORRIS-COWLEY

MORRIS-OXFORD

MORRIS-LEON BOLLEE

O MAIOR SUCESSO DA FABRICAÇÃO INGLEZA

*Maravilhosas provas de resistencia nas nossas estradas. Todos os aperfeiçoamentos modernos.*

A CHEGAR MODELOS DE 1926

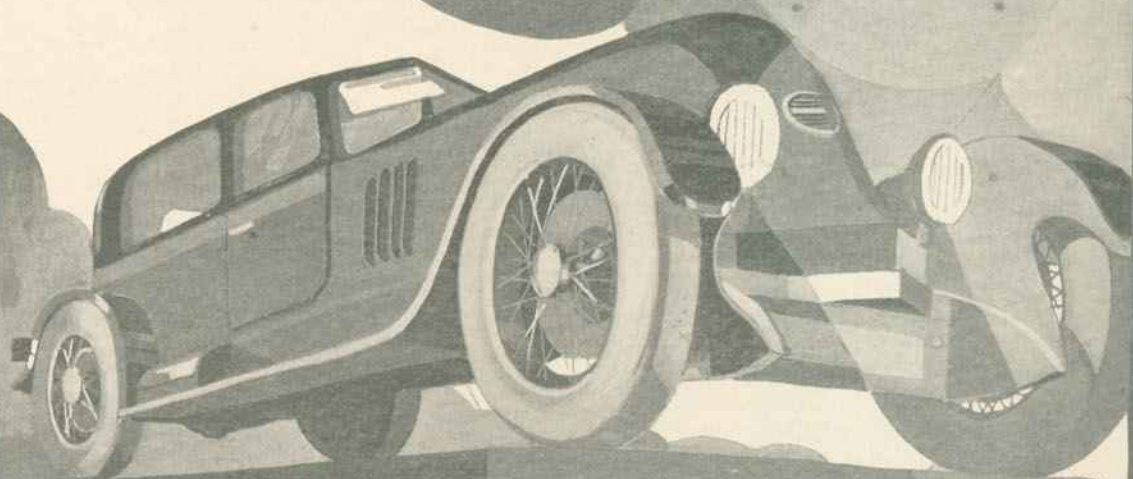
Carro pequeno com as qualidades e aperfeiçoamentos do carro grande. — Todos os accessorios dos melhores fabricantes inglezes. — Instalação electrica Lucas (usada pelo Rolls-Royce). — 4 tipos de chassis — 11 tipos de carrosserie.

AGENTES EXCLUSIVOS  
PARA  
PORTUGAL E COLONIAS

**A. M. ALMEIDA LIMITADA**

*Rua da Escola Politecnica, 37-A, 37-B — LISBOA*

# Renault



SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTOMOVEIS, L.<sup>DA</sup>  
**AUTO-PALACE**

GARAGE: Rua Alexandre Herculano

Agentes exclusivos:  
RENAULT, DE DION BOUTON, ISOTTA FRASCHINI,  
HUDSON e ESSEX



Gasolina . . . . .	25 %
Amortização . . .	23 %
Reparações . . . .	20 %
Pneumáticos . . .	11 %
Impostos e Se- guros . . . . .	10 %
Garage . . . . .	9 %
Óleo . . . . .	2 %

# Já Calculou?

Nas despesas que se fazem anualmente com os automóveis, o óleo

de lubrificação figura apenas numa percentagem de 2 %, não se devendo pois regatear o seu preço.

Deve pagar-se um óleo de boa qualidade uma vez que a despesa é insignificante.

Para que o seu custo seja largamente compensado basta evitarem-se as repetidas reparações resultantes do emprêgo dum óleo inferior e de má qualidade.

EXIGIR SEMPRE OS

# LUBRIFICANTES "SHELL"

CONSTITUI UMA GARANTIA

The Lisbon Coal Oil & Fuel Co. Ltd.

NÃO COMPREM SEM NOS CONSULTAR

Rua do Crucifixo, 49 - LISBOA — PORTO, FIGUEIRA DA FOZ,  
VIANA DO CASTELO, FARO